

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS

RIAN MARCHÃO COSTA

**RESISTIR E REVIDAR: AS REPRESENTAÇÕES DA COMUNIDADE LGBTQIA+
NAS POESIAS MARGINAIS VEICULADAS NAS REDES SOCIAIS**

MONOGRAFIA

Parintins/AM

2023

RIAN MARCHÃO COSTA

**RESISTIR E REVIDAR: AS REPRESENTAÇÕES DA COMUNIDADE LGBTQIA+
NAS POESIAS MARGINAIS VEICULADAS NAS REDES SOCIAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade do Estado Amazonas (UEA), como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras – Língua e Literatura Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gleidys Meire da Silva Maia

Parintins/AM

2023

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS

A monografia “**Resistir e Revidar: as representações da comunidade LGBTQIA+ nas poesias marginais veiculadas nas redes sociais**”.

elaborada por **RIAN MARCHÃO COSTA**

e aprovada por todos os membros da Banca examinadora foi aceita pelo Curso de Letras e homologada pelos membros da banca, como requisito parcial à obtenção do título de

LICENCIADO EM LETRAS – LÍNGUA E LITERATURA PORTUGUESA

Parintins, 17 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Gleidys Meire da Silva Maia (UEA)

Prof. ME. Franklin Roosevelt Martins de Castro (UEA)

Prof. ME. Francisco Bezerra dos Santos (UFPR)

Parintins/AM

2023

*À minha mãe Carmem Jane, minha inspiração
À minha irmã Taíssa, minha fiel confidente.*

AGRADECIMENTOS

Certa vez, quando estudava na educação básica, um professor falou para eu não seguir sua profissão, contudo, não sabia que a minha base familiar e de amigos era formada por pessoas que dedicaram e dedicam suas vidas à formação de outras pessoas, as quais, para mim, são modelos e aspirações essenciais e, assim, mesmo com todas as intempéries, segui, senti as dores da coragem e cheguei até aqui.

Àquele que eu sirvo. Muitas foram as vezes que deixei a faculdade para estar na messe, além de entregar cada momento na faculdade quando achei que não daria certo, por ter preferido a Ele do que ao conhecimento. Deus estava comigo e me sustentou. Aqui, faço minha devoção de gratidão também à minha intercessora, Santa Terezinha, que me ajudou em mais uma missão.

E, como sei que sozinho a caminhada seria mais difícil, estendo minha gratidão à minha orientadora, Gleidys Maia, pelas conversas, paciência e por não desistir de mim. Pela sinceridade, compreensão, amizade e companheirismo.

Aos meus professores, pelas contribuições na minha formação, pela fidelidade no compromisso de uma educação de qualidade e pela amizade, essencial na teia de tece a relação do professor-aluno.

Àqueles que não largam minha mão, minha mãe Carmem Jane, minha irmã Taíssa e ao meu pai Jadeilson. Obrigado pelas conversas, pelo apoio, força, coragem, companheirismo, entendimento e alteridade. Mamãe, eu entendo que a senhora sempre teve que dividir seu tempo entre a escola e a gente, mas o caminho escolhido por mim foi inspirado nos caminhos seus, das minhas tias e da minha vó, sinônimos de luta e fé. Gratidão por vocês existirem e pelas mãos que me ampararam toda vez que desabei.

Aos meus colegas da turma da LET18, por compartilharmos juntos as maiores experiências que a universidade poderia nos oferecer, pois, no final, tudo acaba em pizza e porque mesmo no fundo do poço, a gente vai estar rindo, balbudiando na UEA, nos metendo em movimentação estudantil e deixando nossa marca por aí.

Ao meu grupo, Os Tops: Ana Abecassis, Letícia e Jucilene, que chorávamos trabalhos em quarteto, agora vamos ter que seguir a vida individualmente, mas com a amizade de sempre.

À minha querida amiga, mana Deyse, que também me inspirou a seguir na língua portuguesa, que dividiu comigo conversas e momentos que tornaram o processo mais leve, e que junto à sua família se tornou a minha.

Enfim, agradeço à minha comunidade do Aninga, que se tornou espaço de escape quando já não tinha mais para onde fugir, para muitos, você e os variados serviços, do religioso ao social, me atrapalhou, mas para mim, preencheu onde ninguém preencheria.

Daquilo que era ao que sou, do dito, não-dito e ouvido, derrotas e vitórias, memórias e experiências, muitas coisas me sabotaram, outras (re)construíram-me. Olhar para trás é a certeza de que vencemos, e olhar para frente é o profético horizonte de que ainda temos muito a caminhar, sem me perder de mim e de todos que constituíram desde o começo.

RESUMO

A poesia marginal da “geração mimeógrafo”, de 1970, revelou-se como uma literatura de intelectuais que usavam, naquela época, de temas, pessoas e contextos à margem, contudo, mais recentemente, tem sido usada pelos próprios marginalizados, sobretudo pela comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e mias uma multiplicidade de identidades), como potencializadora de discursos dessa parcela da sociedade, manifestações veiculadas nas redes sociais, tal qual o *Instagram, Facebook, YouTube Twitter e Tiktok*. Nesta pesquisa, o objetivo central é analisar o discurso presente nas poesias marginais nessas ferramentas virtuais que são usadas como ferramentas de suporte aos discursos de resistência e enfrentamento. O levantamento bibliográfico visa, assim, apresentar a caracterização da nova forma de poesia marginal, bem como fazer apontamentos acerca da oralidade como parte integrante da literatura e o papel da performance para aporte dos gestos, ambos, oralidade e performance, que preenchem lacunas que a escrita não ocupa, embasados nos estudos apresentados por autores como Ferréz (2005), Eslava (2004), Zumthor (1993, 1997, 2005) e Oliveira (2011). Os autores que referenciam a contextualização das contribuições das redes sociais como ferramenta de manifestação sociais, além de observar como elas funcionam como espaço de memória e busca por justiça, são: Machado (2007), Hall (1997) e Bauman (2001). Para as abordagens teórico-metodológicas, mais especificamente a Análise dos Discursos, são: Orlandi (2005) e Pêcheux (1975). Sendo Assim, esta pesquisa valida como as representações são encontradas nos discursos, de modo particular nas redes sociais, através das poesias marginais, apresentando também um papel memorial e de busca por justiça, permitindo maior aprofundamento nas experiências de vidas dos sujeitos por meio do engajamento na internet.

Palavras-chaves: Representações; LGBTQIA+; Poesia Marginal; Redes Sociais; Discurso.

ABSTRACT

The marginal poetry of the "mimeograph generation" of 1970 revealed itself as a literature of intellectuals who used, at that time, themes, people and contexts on the margins, however, more recently, it has been used by the marginalized themselves, especially by the LGBTQIA+ community (lesbians, (lesbian, gay, bisexual, transgender, queer, intersex, asexual, and a multitude of other identities), as a potentiator of discourses of this part of society, manifestations conveyed in social networks such as Instagram, Facebook, YouTube, Twitter and Tiktok. In this research, the central objective is to analyze the discourse present in marginal poetry in these virtual tools that are used as support tools for discourses of resistance and confrontation. The bibliographical survey aims, thus, to present the characterization of the new form of marginal poetry, as well as to make notes about orality as an integral part of literature and the role of performance to support the gestures, both, orality and performance, which fill gaps that writing does not occupy, based on studies presented by authors such as Ferréz (2005), Eslava (2004), Zumthor (1993, 1997, 2005) and Oliveira (2011). The authors who reference the contextualization of the contributions of social networks as a tool for social manifestation, besides observing how they work as a space of memory and search for justice, are: Machado (2007), Hall (1997) and Bauman (2001). For the theoretical-methodological approaches, more specifically Discourse Analysis, are: Orlandi (2005) and Pêcheux (1975). Thus, this research validates how the representations are found in the discourses, particularly in social networks, through the marginal poems, also presenting a memorial role and search for justice, allowing greater depth in the life experiences of subjects through engagement on the Internet.

Keywords: Representations; LGBTQIA+; Marginal Poetry; Social Networks; Discourse.

LISTA DE RECORTES

Capítulo III

Recorte 01 – Publicação de Mulamba, no Twitter (2020)

Recorte 02 – Publicação de Eu não..., no Twitter (2021)

Recorte 03 – Publicação de Eduardo Couto, no Twitter (2023)

Recorte 04 – Publicação de Roh, no Twitter (2019)

Recorte 05 – Publicação de Hudson Lima, no Facebook (2017)

Recorte 06 – Publicação do site Parintins Press (2019)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A LITERATURA À MARGEM: PROBLEMAS CONCEITUAIS	16
1.1. A ORALIDADE COMO FORMA DE LITERATURA.	18
1.2. A PERFORMANCE NA LITERATURA.	20
1.3. UM ENCONTRO ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E LITERATURA	22
2. REDES SOCIAIS E IDENTIDADE: A POESIA MARGINAL.....	24
2.1. ENTRE RESISTÊNCIA E REPRESENTAÇÕES, AS POESIAS MARGINAS VEICULADAS NAS REDES SOCIAIS.	25
2.2. AS POESIAS MARGINAIS: UM TRABALHO DE TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE.	26
3. RESISTIR E REVIDAR: PELAS VIDAS DAS MANAS, UM MANIFESTO DE MEMÓRIA NAS REDES SOCIAIS.	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS.....	52

INTRODUÇÃO

Com o 4,6 bilhões de usuários ativos¹, mais da metade da população mundial divide suas vidas por meio das redes sociais. O acesso permite, então, que as redes sociais façam parte do hábito dos brasileiros, desse modo, sustentamos que essa pesquisa fosse desenvolvida a partir da importância das plataformas digitais como ferramentas geradoras de discussões acerca das formas do discurso de ódio carregadas de preconceito, violência, silenciamento, apagamento e deslegitimação da luta do movimento social LGBTQIA+. Representações analisadas nos discursos presentes nas poesias marginais veiculadas nas redes sociais, a fim de expor desconformidade, combate, resistência e ressignificação da comunidade Lésbica, Gay, Bissexual, Transexual, Travesti, Transgênera, Queer, Intersexual, Assexual e todas as outras possibilidades de orientação sexual e identificação de gênero, reunidas na sigla LGBTQIA+, seguindo os preceitos conceituais e teóricos da Linguística e da Análise do discurso, além da Teoria da Literatura.

O entendimento acerca da homofobia, preconceito e violência é importante para a compreensão da dinâmica histórico sociocultural e política no cenário de vivência atual, na qual, mesmo com avanços na aceitação da homossexualidade, o debate sobre esse assunto é de grande importância para se conhecer quais são as inquietações, assim como as principais consequências e atitudes a serem tomadas sobre do tema. Resistir e revidar é então um marco a fim de estabelecer legitimação e não recuo, pois por mais que exista tolerância percebe-se que o “mais difícil, entretanto, será a superação do preconceito e da discriminação que requer, de cada um e do coletivo, mudanças de valores baseadas no respeito às diferenças” (BRASIL, 2011).

Ademais, podemos perceber que as “representações” são colocadas como questões referentes à luta, resistência, preconceito, violência, silenciamento, apagamento e deslegitimação combatidas nas poesias marginais veiculadas nas redes sociais como *Instagram*, *Twitter*, *TikTok* e *YouTube*, que são plataformas digitais altamente conhecidas, usadas e impulsionadoras de maneiras alternativas de resistência e luta da comunidade LGBTQIA+. As redes sociais que ao longo de sua

¹ Dado disponível em: Arcangeli, Cris. Redes sociais registram 4,61 bi de usuários – e vão continuar crescendo. Revista Exame, 2022.

expansão vem dado destaque a lutas, lugar de fala e de resistência, cujos artifícios das redes acionam reivindicações de movimentos, como o da comunidade LGBTQIA+, de maneira organizada e legítima, revidando e resistindo, onde Machado (2007) afirma que

A rapidez e alcance das novas tecnologias de informação permitem uma proliferação das organizações civis e dos coletivos sociais, assim como uma integração eficiente estratégica entre os mesmos, baseada, principalmente, no idealismo e voluntarismo de seus membros, incentivados pela relação custo-benefício favorável. Surgem novas formas de alianças e sinergias de alcance global. Com isso, aumentaram enormemente as formas de mobilização, participação, interação, acesso à informação, bem como a provisão de recursos, as afiliações individuais e as ramificações entre os movimentos sociais. (MACHADO, 2007, p. 9)

Dessa forma podemos observar, que ao se romper com a distância, os movimentos reivindicatórios engajam de forma mais robusta nas redes sociais, vistas como espaços para difusão de debates, pensamentos e protestos, no que se refere as representações da comunidade LGBTQIA+.

Então, a poesia marginal, que apesar de até hoje ocupar um certo lugar de rua, traz à tona um debate cultural brasileiro, com abordagens que vão além dos estereótipos de uma poesia dos marginais, em que é colocada em versos as inquietações das experiências de vida nas ruas e favelas das cidades. Destarte, buscamos estudar, entender, compreender e analisar o papel das poesias marginais como representações da comunidade LGBTQIA+, cujas vozes buscam, por esse meio, dar destaque à questões referentes às suas identidades, manifestando insatisfação em forma de luta e resistência, a fim de que sejam reconhecidas e visibilizadas suas reais faces combatendo qualquer tipo de preconceito, violência e estereotipia da comunidade. Assim, analisamos o discurso das poesias marginais como forma de denúncia e de resistência da comunidade LGBTQIA+, nas redes sociais, caracterizando a poesia marginal nos novos tempos, utilizando as influências das teorias literárias e da linguística, especificamente da análise do discurso da linha francesa de Pêcheux.

Para a execução do nosso propósito, reunimos 06 poesias encontradas nas redes sociais. Precedeu à escolha desses poemas critérios de seleção, segundo o qual examinamos as poesias publicadas em vídeo, que estivesse dentro de um marco temporal dos últimos 05 anos, ou seja, de 2017 a 2022, momento que nos pareceu adequado refletir a partir do cenário político e social, em vista do início dos crescentes

ataques à comunidade LGBTQIA+ e da troca do governo federal, no qual depois procedeu a uma seleção que aborda, principalmente, a motivos temáticos como a do romance lésbico, transfobia, hipocrisia do discurso, o uso do poder para ataques à comunidade, falta de oportunidade, falta de respostas, banalização de crimes e mortes, e exaltação à vida em meio ao contexto brasileiro de LGBTfobia. Esta pesquisa abarcou discussões pouco instigadas no curso de Letras que foram definitivas para a escolha da linha de pesquisa, fomentada pela atualização dos novos suportes encontrados no meio acadêmico por conta da pandemia do Coronavírus, na qual fizemos uma contribuição sobre os novos contextos de formação a partir de um tema que requer maior atenção no debate acadêmico atual, principalmente neste tempo mediado pelo *www*, pelos *likes*, pelo engajamento e pelas *hashtags*.

Assim, iniciamos com um estudo acerca da literatura marginal, de modo observar a sua constituição, como ocorre, quem participa e como se desenvolveu nos últimos tempos, abrindo um panorama para a forma de uso atual, dentro dos movimentos sociais. Consoante a isso, trazemos a perspectiva da oralidade como complemento indispensável à literatura marginal, funcionando como vocalização das manifestações, na qual transforma o espaço entre o sujeito do discurso e o sujeito do discurso num espaço de improvisação em que a letra, poesia escrita, dá lugar à voz que ecoa, somada a performance na literatura, no que diz respeito à poesia declamada, possibilita-nos observar a realização poética plena da concretização do peso das palavras que estão sendo ditas, preenchendo o espaço do não-dito, de maneira que o receptor sinta a memória, a história, o preconceito, a denúncia e todo o coletivo que aquela voz performática está ecoando, no espaço simbólico. Assim, por fim, nesse capítulo discorreremos sobre o entrecruzamento entre literatura e linguística, especificamente a Análise do Discurso, que por meio do discurso poemático possibilitou-nos ir para além das palavras, nas mais diversas possibilidades de análises que emergem de experiências de vida que usam da literatura como escape e espaço de voz.

No segundo capítulo, mostramos o papel das redes sociais quanto ao espaço de representatividade das identidades de gêneros, sobretudo como espaço para difusão das poesias marginais utilizadas pelos membros da comunidade LGBTQIA+, em seguida, a importância das poesias para o manifesto de resistência e promoção de debates fora do cânone. E, na última parte, as poesias marginais

selecionadas, que foram transcritas dos vídeos encontrados nas redes sociais, e junto às transcrições, nossas análises dos poemas.

No terceiro capítulo, analisamos publicações retiradas das redes sociais; manifestos sobre assassinatos de membros da comunidade LGBTQIA+ que mobilizaram contextos, do regional ao internacional, e que incentivam mobilizações de luta e resistência, memória e justiça, na sociedade.

Nesta pesquisa, quanto a metodologia, Lakatos; Marconi (2007) afirmam que “[...] que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos”, desta forma, a utilização de um bom método é importante para o fazer ciência. Assim, esse estudo se constituiu a partir de estudo de caso de comunidades virtuais, tais como, Instagram, Facebook, Youtube e TikTok. Na Análise do Discurso, a linha de pesquisa oferece sempre uma metodologia de caráter qualitativo-interpretativista, desse modo, Silva; Araújo (2017), afirmam que esse método “estuda o objeto de investigação em seu contexto natural, na tentativa de dar sentido aos fenômenos levando em conta os significados que as pessoas lhe atribuem. Não há análise quantitativa de dados”, em outras palavras, os objetos de pesquisa são analisados em suas totalidades, incluindo impressões de memória sociocultural, ideologias, o que foi dito e o que não foi falado. Assim, esse tipo de metodologia nos ajudará a investigar a percepção dos conteúdos juntamente da análise da realidade, confiados pelos atores sociais aos aspectos da dimensão subjetiva da interação social, com o objetivo de compreender e reportar o comportamento humano dentro de suas complexidades de relações.

Como método de abordagem, adotamos o método dialético, em outras palavras, partimos da premissa de Prodanov; Freitas (2013), que nos ajudam a entender que o método gera uma compreensão dinâmica da realidade, utilizando de fatos resultantes de contextos sociais, políticos e culturais, no qual estudando assim o objeto e suas conexões, sem tratar como algo pronto, considerando que as coisas estão em constante mudança, o que Marconi; Lakatos (2018), colocam como sendo a modalidade de método científico que penetra o mundo dos fenômenos por meio de ações recíprocas, da contradição inerente e da mudança dialética que ocorre na natureza e na sociedade, imprescindível ao termos enquanto caráter da pesquisa uma metodologia qualitativa. E, também, por utilizarmos de base etnográfica, no que tange a etnografia virtual, cujo Spradley (1979), ajuda-nos a entender como um método antropológico que estuda a sociedade e culturas cujas pesquisas são problematizadas

a fim de compreender as diferentes definições entre as pessoas a partir da observação de determinado grupo social, que utilizamos tal método, que abrange o ambiente de argumentação e contra argumentação, sendo assim, Mezzabora; Monteiro (2004), nos faz compreender que como metodologia, ela se preocupa com o campo de opiniões, que se tornam em argumentos racionais ao serem embasados em fundamentos sólidos.

Para Ferrari (1982, p. 171), “não obstante a finalidade prática da pesquisa, ela pode contribuir teoricamente com novos fatos para o planejamento de novas pesquisas ou mesmo para a compreensão teórica de certos setores do conhecimento”, sendo assim, buscamos problematizar as inquietações da comunidade LGBTQIA+ e a forma de combate, frutos das relações sociais, frente a uma perspectiva longitudinal, que segundo Richardson (1999), se refere a uma coleta de dados de uma mesma amostra, ou seja, de poesias marginais veiculadas nas rede sociais, ao longo do tempo.

E, no que diz respeito a pesquisa quanto aos procedimentos, utilizamos a etnográfica, que, segundo Spradley (1979), etnografia "é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo", objetivando entender um outro modo de vida, mas do ponto de vista do informante. O trabalho de campo, então, inclui o estudo disciplinado do que o mundo é, como as pessoas têm aprendido a ver, ouvir, falar, pensar e agir de formas diferentes, de maneira que nos leva a analisar as representações intrínsecas ao estudo das poesias que fizemos. Consoante a isso, o trabalho se valeu ainda de fontes como livros, artigos, teses, dissertações e publicações oficiais para embasamento bibliográfico. Além de embasamento literários para compreensão dos conceitos da Análise do Discurso e estudos literários apresentados, e, para seleção de poemas, não nos atemos a um procedimento sistemático de escolha, mas de livre observação e arquivamento dessas mídias para que fossem feitas as análises, na sequência.

1. A LITERATURA À MARGEM: PROBLEMAS CONCEITUAIS

O termo literatura é usado para se referir à produção que está alinhada ao cânone literário, por outro lado, o termo “marginal” funciona como referência estigmatizante às pessoas que se encontram em situação de exclusão social, na qual, quando organizaram-se, possibilitaram o surgimento da literatura marginal no Brasil da década de 1970, que era interpretada como uma literatura desassociada do *cânon*, produzida de maneira alternativa, longe dos corredores editoriais tradicionais, movimento que ficou conhecido como “Geração Mimeógrafo”.

Esse novo espaço literário reuniu importantes figura como Torquato Neto, Cristina César, Chacal e Paulo Leminski, que se uniram pela necessidade de fuga das consequências da ditadura militar e do modelo de divulgação literária, ou seja, pela forma de produção. Hoje, na literatura, é nomeada de marginal, pois sai da periferia – atribuída por quem a escreve – e, literalmente, está à margem da sociedade junto ao seu sistema de reprodução e é usada como meio de resistência social, é o “gesto de autodenominar sua produção textual como literatura marginal, já que com isso o “povo da periferia/favela/gueto” procura, sem aparentes recalques, assumir concreta e publicamente sua diferenciada identidade artística, cultural e social” (ESLAVA, 2004, p.39).

Assim, com o amadurecimento da literatura marginal, os ecos das vozes dos que ocupam os lugares à margem da sociedade começaram a ser ouvidos, trazendo em seus discursos experiências cotidianas de violência, apagamento, silenciamento, preconceito e o “peso” do ambiente marginal, revelada na apropriação dos espaços de manifestações, que corroboram na ressignificação de estigmas, além de mostrar com caráter de denuncia a maneira de sobreviver, como também reafirmação social, articulando a vivência ao fazer literário. A literatura então é notoriamente para todos, como afirma Ferréz (2005),

A literatura, arte dos salões nobres, chega, assim, ao morro, onde apenas se concebia o samba, a capoeira, artes da ginga do corpo, tão distantes das ditas habilidades intelectuais exigidas pela literatura: pois “agora a gente fala, agora a gente canta, e na moral agora a gente escreve. (FERRÉZ, 2005, p. 9)

Desta forma, a literatura possibilitou os que estavam à margem entrar no sistema, com dificuldade, mas ainda sim sem comprometimento com o cânon. Essa reafirmação que observamos como característica de combate ao preconceito, de assumir sem medo o seu espaço de voz e revidar, equivale ao membro da comunidade LGBTQIA+ que se assume durante seu processo de afirmação ao dizer, “saí do armário”, numa atitude consciente, mostrando-nos que o armário é mais um controle da sexualidade, conforme Sedgwick (2007), uma forma de garantir a heterossexualidade visível e invisibilizar a homossexualidade. Assim, o armário representa proteção e não a figura do lugar que se esconde monstros.

Diante do processo de consolidação da literatura marginal observa-se que a principal obra geradora de importância a essa literatura foi o romance *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, que impulsionou a construção de novas obras que descortinaram os lugares comumente excluídos. Contudo, foi na publicação de *Capão Pecado* (2000), de Ferréz, juntamente com a revista *Literatura Marginal – A cultura da periferia – Ato I* de 2001, tendo como produto a revista *Caros Amigos*, que a literatura marginal despontou no país, a partir do mote da representação dos que nascem, crescem e dos que são colocados à margem, dos que tiveram suas falas tolhidas, mas que agora têm suas vozes ecoadas, que reivindicam e resistem dentro do espaço que por anos colocou essa arte em apagamento, que é o campo literário, proporcionando uma desafiadora (des)construção discursiva no país.

Sendo assim, a Literatura Marginal é por si um explícito processo de revide, conforme Eslava (2004),

Então, é a forte e reprimida vontade de falar escrito o que impulsiona o assalto ao poder da palavra, porque essa ação, que é mais que literária, torna possível, segundo a própria visão dos sujeitos *marginais*, traduzir no “nosso vocabulário que é muito preciso” o silenciado “grito do verdadeiro povo brasileiro. (Eslava, 2004, p. 40)

Portanto, não podemos deixar de notar que essa literatura é um exercício textual de fundamental importância para aqueles que a compõem, nas mais subalternas camadas da sociedade, oriunda de uma reflexão que vai para além da escrita, diante de um projeto de ideal social, de garantia de sobrevivência, de integração e visibilidade.

1.1. A ORALIDADE COMO FORMA DE LITERATURA

Não diferente da escrita, as manifestações que funcionam como instrumento ressignificante do marginal ou dos marginalizados se dá na pintura, dança, canto, teatro, na performance, na declamação, que aqui trataremos do papel da oralidade, haja vista que a escrita pode ser falada, pois as palavras, além de parecidas, surgem do mesmo espaço de fala, de modo a tornar a experiência mais incisiva sobre aquilo que é dito, mas não do que foi escrito, que sai do autor partindo dos seus anseios de não silenciar, apropriando-se de espaços informais (praças, ruas e esquinas) para vocalizar o que já não pode ser mais guardado, desaguado em uma catarse assumida em um lugar de voz coletiva.

Um traço bastante inovador da literatura marginal da periferia é justamente o seu caráter de voz coletiva, comprometida em contar e escrever a própria experiência, em contraponto à cultura oficial dominante. Contudo, não se trata de negar os monumentos e canais de afirmação e divulgação da tradição cultural, mas de inserir-se nela, numa atitude conscientemente cosmopolita. (OLIVEIRA, 2011, p.34)

Assim, os discursos se entrecruzam, resistem e combatem juntos, não esperando para serem lidos, mas gritados, transmitidos e performados antes que os outros se eximam de ler, pois também, para além os lugares informais acima citados, são encontrados tão atuais quanto antes, na palma da mão junto as redes sociais.

É por meio da transmissão oral, que se situa na improvisação e na performance que se alinha esta pesquisa. Para tal, dentro da perspectiva sobre as três observações gerais que Zumthor (1993) faz, uma fundamentação pertinente na segunda e terceira observação, na qual ele sustenta uma constituição operacional oral-auditiva por meio da produção, comunicação, recepção, conservação e a repetição; e pela voz que se confere como autoridade, notado no repasse performático, onde a escrita permanece invisível, coexistindo com a vocalidade, que carrega a história dessa voz, movida pela construção do discurso da pessoa que usa sua voz, respectivamente.

Por se tratar de um estudo sobre literatura marginal, cabe-nos também elucidar que o uso da voz não diz respeito ao popular ou erudito, conforme Zumthor (1993)

Tratando-se da voz e das artes da voz, a oposição do “popular” ao “erudito” remete, quanto muito, aos costumes predominantes neste ou naquele momento e meio. Atravessa as classes sociais e, no contexto humano dos

séculos XI, XII e XIII, a sensibilidade o pensamento dos indivíduos. *Oral* não significa *popular*, tanto quanto *escrito* não significa *erudito*. (ZUMTHOR, 1993, p.119)

Ou seja, compreendemos, que, em se tratando da literatura marginal relacionada ao uso da voz, não há neutralidade social, é um sistema de reação e defesa do que apenas é dito sem passar pelo processo da escrita, nos limiares da legitimidade, no desejo de manifestação poética da alma, de maneira a aproximar o sujeito do discurso por meio de discursos que tendem a fazer uma reflexão do comportamento social e descontinuar práticas que afastam o real usando apenas da escrita.

Na literatura a vocalidade é essencial, é o momento no qual o eu lírico cria um ambiente estabilizador, reunidos no mesmo espaço a consciência, a integridade dos discursos, a profecia, o tempo e memória, por meio da performance, e aqui, ao discorrer sobre poesia, Zumthor (1993), nos ajuda a entender a primazia, importância e imponência da voz

As vozes cotidianas dispersam as palavras no leito do tempo, ali esmigalha o real; a voz poética os reúne num instante único - o da performance -, tão cedo desvanecido que se cala; ao menos, produz essa maravilha de uma presença fugidia, mas total. Essa é a função primária da poesia; função de que a escritura, por seu excesso de fixidez, mal dá conta. Por isso, os modos de difusão oral conservarão um status privilegiado. (ZUMTHOR, 1993, p.139)

Assim, na medida em que o discurso da poesia é integrado à coletividade, ocorrendo uma intervocalização que se desenvolve como espaço de transformação entre sujeito do discurso e de receptor, gerados pelas suas relações, principalmente se ambos viveram no mesmo espaço, por meio da mimese enquanto representação da realidade. A voz, nesse sentido, ultrapassa a letra por inserir a palavra falada num complexo de relações sensoriais, corporais e perceptivas que lhe conferem um caráter plurissignificativo, assim, Calvino (1995), sobre o fenômeno do uso da voz, diz que

[...] Uma voz significa isso: existe uma pessoa viva, garganta, tórax, sentimentos, que pressiona no ar essa voz diferente de todas as outras vozes. Uma voz põe em jogo a úvula^[3], a saliva, a infância, a pátina da existência vivida, as intenções da mente, o prazer de dar uma forma própria às ondas sonoras. O que o atrai é o prazer que esta voz põe na existência – na existência como voz –, mas esse prazer o conduz a imaginar o modo como a pessoa poderia ser diferente de qualquer outra tanto quanto é diferente a voz. (CALVINO, 1995, p.79).

Desta forma, um ato presencial e único, que na literatura corrobora com aquilo que a escrita não consegue dizer. Aqui, ao trazer para a contemporaneidade,

percebemos a letra cedendo espaço para a voz e para a imagem, que, segundo (SANTOS, 2014, p. 133), “é uma voz em trânsito que também é corpo e é viva”. Em movimento, “onde nada da existência coletiva, nem mesmo da realidade ambiente, poder ser percebido e entendido a menos que passe por ela” (ZUMTHOR, 1993, p. 91). Voz enquanto “representação do corpo” (ZUMTHOR, 1997, p. 14), símbolo revelador dos mistérios da pessoa e de toda uma memória coletiva; voz poética e falante do que há de ausente, pouco racional, muito intuitiva, uma das matérias primas das teias do imaginário.

1.2. A PERFORMANCE NA LITERATURA

A ideia de performance sempre esteve no centro da teoria do texto poético oral cunhada e difundida por Zumthor (2005)

Quanto à presença, não somente a voz, mas o corpo inteiro está lá, na performance. 2 O corpo, por sua própria materialidade, socializa a performance, de forma fundamental [...] A performance é uma realização poética plena: as palavras nela são tomadas num único conjunto gestual, sonoro, circunstancial tão coerente (em princípio) que, mesmo se distinguem mal palavras e frases, esse conjunto como tal sentido. (ZUMTHOR, 2005, p. 86).

Desta forma, o corpo, seu par indissociável, a voz é quase muda e sem presença, pois ocupa espaços dentro da performance. Assim, é na perspectiva do entrecruzamento entre corpo e da voz, na figuração e representação, junto ao processo de sinestesia, que observamos a performance, ou seja, o ato de encenar, de gestualidade junto ao uso da voz, como fatores que potencializam a experiência entre o público e quem performa, conforme Bauman (1975)

A performance envolve, por parte de quem a faz, assumir a responsabilidade perante um público pela maneira com que a comunicação se dá, para além do seu conteúdo referencial. Do ponto de vista do público, o ato do expressar-se por parte de quem está fazendo a performance é.... marcado como estando sujeito a ser avaliado pela forma como é realizado, pela habilidade relativa e efetividade da exposição de competência por quem realiza a performance. Além disso, é marcado como estando disponível para o aprimoramento da experiência, por meio do prazer real proporcionado pelas qualidades intrínsecas do próprio ato de expressar-se. Assim, a performance chama atenção especial, aumenta a consciência do seu ato de expressar-se e permite ao público assistir com intensidade especial ao ato do expressar-se e a quem faz a performance. (BAUMAN, 1975, p. 293)

Sendo assim, há a tentativa de perceber o texto de forma concreta num momento sonoro, de expressão e corporal, no qual a projeção do sujeito do discurso se torna o elemento principal da transmissão do que quer ser repassado por quem repassa numa performance quase teatralizada e carregada de subjetivismo, que espontaneamente integra voz e corpo, em performance, isto é, Segundo Zumthor (2007), a reconfiguração de uma cena enunciativa plena em obra (projeção de uma cena viva no aqui e agora da ação imaginativa feita acontecimento), que elucida desta forma:

Na situação performancial, a presença corporal do ouvinte e do intérprete é presença plena, carregada de poderes sensoriais, simultaneamente, em vigília. Na leitura, essa presença é, por assim dizer, colocada entre parênteses; mas subsiste uma presença invisível, que é manifestação de um outro, muito forte para que minha adesão a essa voz, a mim assim dirigida por intermédio do escrito, comprometa o conjunto de minhas energias corporais. (ZUMTHOR, 2007, p.68).

Sendo assim, a situação performativa produz a concretização de um texto dotado de uma carga poética, percebendo a materialidade, o peso das palavras, sua estrutura acústica e as reações que elas provocam, manifestando uma sensação de profunda conexão com o que no texto não-dito não teríamos a possibilidade de experimentar, culminando com o entendimento final, a partir de Zumthor (1997), que entende a performance como:

A performance é a ação complexa pela qual uma mensagem poética é simultaneamente, aqui e agora, transmitida e percebida. Locutor, destinatário e circunstância (quer o texto, por outra via, com a ajuda de meios lingüísticos, as represente ou não) se encontram concretamente confrontados, indiscutíveis. Na performance se redefinem os dois eixos da comunicação social: o que junta o locutor e o autor; e aquele em que se unem a situação e a tradição. Neste nível, a função da linguagem que Malinowski chamou “fática” realiza plenamente o seu jogo: jogo de aproximação, de abordagem e apelo, de provocação do Outro, de pedido, em si mesmo indiferente à produção de um sentido. (ZUMTHOR, 1997, p. 33).

Entendida como uma ação complexa, completa e que envolve a voz e corpo ao sujeito do discurso, por meio de um discurso performático, que carrega luta, resistência e de manifestação sensorial. Cujo nesse novo espaço dos discursos e performance que se dão de maneira midiáticas, Silva (2014) esclarece que

Não foi um caminho escolhido pela mídia e tecnologia, nem tampouco um reconhecimento dos propagadores do velho paradigma, mas é o resultado de vozes que gritam com saudade da comunicação corporal, da performance, onde transmissão e recepção ocupavam um mesmo espaço-tempo; vozes que saem da repressão dos séculos de escrita, para ecoar como presença, uma taticidade. E se não conseguiram abafar as vozes, elas se movem e

reaparecem em sua função arrebatadora e orientadora de sentido. (SILVA, 2014, P. 134)

A performance, então, transcendeu o seu espaço sendo projetada de maneira que o receptor sinta a memória, a história, a apreensão, a denúncia e todo o coletivo que aquela voz performática está ecoando, mostrando e informando a quem estiver disposto a experimentar esse espaço simbólico.

1.3. UM ENCONTRO ENTRE ANÁLISE DO DISCURSO E LITERATURA

A análise do discurso, de Michel Pêcheux, inaugurada no século XX, apresenta-nos o discurso como objeto de estudo, interessando-se pela língua como produtora de sentidos, compreendendo os objetos simbólicos, a partir da tese de seu fundador de que o sujeito não é o centro, mas diz, pensa e age por meio do contexto sociocultural e ideológico da comunidade pertencente, prática de um campo linguístico objetivada em analisar as construções de comunicações presentes nos discursos e não na mensagem, buscando o “como” e não no “o quê”, distanciando-se da análise de conteúdo. Assim sendo, junto à literatura, a aplicação da Análise do Discurso de Linha Francesa estabelece a relação do sujeito e sentidos com a língua e a história, afetados pelo processo de constituição da identificação do sujeito, da subjetivação e da realidade dos efeitos variados do discurso, sendo essa a razão para se considerar o discurso muito além da mera transmissão de informação, mas, antes, devemos considerá-lo como efeito de sentidos.

No discurso poético, então, atribuições reais são dadas à palavra, permitindo a geração de novas formulações discursivas a partir do sujeito do discurso que, para Pêcheux (1975), aponta como o relacionamento entre a forma-sujeito, em que tudo já foi determinado, mas, dadas as condições, ocorrem outras práticas, que aproveita do movimento do interdiscurso para produzir novos efeitos.

Logo, nota-se a representação do poema para além da palavra, que ultrapassa o real e levando o leitor às possibilidades das análises, revelando a condição humana e explicitando as experiências de vida concreta. Segundo Bastos e Araújo (2011)

Ler um poema com a intenção de investigar sua historicidade exige assumir como pressuposto o fato que, devido ao peculiar desenvolvimento do gênero

lírico na modernidade, a poesia precisa ser outra em relação ao mundo, precisamente para retornar ao mundo. (BASTOS E ARAÚJO, p. 57)

Ou seja, é a voz que transcende o eu lírico e parte a uma voz coletiva, levando-nos a experimentar o que no poema está representado, assim, fomentando o entendimento, podemos analisar à luz de Orlandi (2005), que, a palavra não está ligada à literalidade, mas às relações metafóricas nas formações discursivas, quando um discurso se remete a outro por meio da memória discursiva. Ou seja, aquilo que Pêcheux apresenta como interdiscurso, quando aquilo que já foi dito se torna possível em outro dizer. Nas palavras de Orlandi (2005)

O interdiscurso é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isso é efeito do interdiscurso: É preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular, separe na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentidos “minhas” palavras. (ORLANDI, 2005, p.33)

Desta forma, verificamos as possibilidades de sentido, vislumbrada pela força poética do poema ligadas à vida, história e ideologia, que se expressam pelas dimensões imagéticas e verossímeis, tratando o discurso como processo determinado pelo tecido sócio histórico. Assim, as representações são observadas a partir do movimento entre a descrição e a interpretação e fazer análise para compreender o processo discursivo, sendo o interdiscurso os saberes constituídos na memória do dizer, os sentidos que foram se construindo historicamente pelos sujeitos ora apresentados, ora rememorados.

2. REDES SOCIAIS E IDENTIDADE: A POESIA MARGINAL

Durante muito tempo a identidade era vista como uma condição fixa, concebida a partir do nascimento, contudo, mais tarde foi revista e a noção de identidade ganhou novas perspectivas, no qual foi considerado que o indivíduo teria sua correspondência identitária afetada a partir da complexidade do mundo moderno, tendo em vista a relação com outros, na interação entre o indivíduo e sociedade, assim surgindo o sujeito sociológico, como diria Hall (1997). E, por fim, conforme Bauman (2001) na pós-modernidade, emerge a pessoa que tem sua identidade marcada pela fluência desse tempo e se comprometimento com restrições, mas de maneiras múltiplas, pessoal e subjetiva.

Conforme a liquidez da composição de identidade, as redes sociais passam a ser umas das principais formas de posicionamento e reafirmação identitária, sendo assim, podemos encontrar meios como, *Facebook, Instagram, Twitter, TikTok, YouTube*, dentre outras, que se apresentam como ambientes que fornecem ferramentas necessárias para a consolidação, reafirmação e ressignificação acerca das múltiplas identidades, assim, materializando as representações manifestadas.

Assim, as redes sociais ao longo de sua expansão vêm dando destaque às lutas, ao lugar de fala e de resistência, cujos artifícios das redes acionam reivindicações de movimentos, como o da comunidade LGBTQIA+, de maneira organizada e legítima, revidando e resistindo, conforme aponta Machado (2007), que diz

A rapidez e alcance das novas tecnologias de informação permitem uma proliferação das organizações civis e dos coletivos sociais, assim como uma integração eficiente estratégica entre os mesmos, baseada, principalmente, no idealismo e voluntarismo de seus membros, incentivados pela relação custo-benefício favorável. Surgem novas formas de alianças e sinergias de alcance global. Com isso, aumentaram enormemente as formas de mobilização, participação, interação, acesso à informação, bem como a provisão de recursos, as afiliações individuais e as ramificações entre os movimentos sociais. (MACHADO, 2007, p. 9)

Dessa forma podemos observar que, ao se romper com a distância, os movimentos reivindicatórios engajam de forma mais robusta, observadas no que se veicula nas redes sociais, vistas como espaços para difusão de debates, pensamentos e protestos, assim, não diferente, são as representações da comunidade LGBTQIA+

nas poesias marginais nessas comunidades virtuais e o seu valor de representatividade nos discursos.

2.1. ENTRE RESISTÊNCIA E REPRESENTAÇÕES, AS POESIAS MARGINAS VEICULADAS NAS REDES SOCIAIS

Durante muitos anos a literatura LGBTQIA+ ficou subordinada aos padrões do canôn e precisou se reinventar, a fim de ganhar espaço e força dentro do cenário literário; com isso, os escritores usaram de seus contextos e realidades para escreverem e se manifestarem, ponto primordial que leva os leitores a uma proposta que, para além da simples leitura, o insere e o faz participar da vida do escritor. Ferreira (1993) explica, que, a literatura como arte, seja em verso ou em prosa, é a produção literária advinda do contexto histórico-social e cultural, e Proença (1986) complementa como sendo ainda a expressão de visões determinada a partir de um coletivo de um grupo social e constituída de experiências.

Assim, esses escritores, ao se apropriarem da literatura, se pautam com uma escritura despreocupam tradição, tais como qualidade sonora, sucessões rítmicas ou melodia, abrindo espaço para a manifestação e reflexões de cunho social ligados a comunidade LGBTQIA+. Dessa forma, essa poesia se caracteriza como um manifesto de resistência em favor da vida, revelando o interior do poeta frente à sua realidade, quebrando tabus e evidenciando espaços sem prestígio e com atores marginalizados.

Assim, partimos para aquilo que Rocha (2004) nos aponta como “dialética da marginalidade”, na qual ele afirma que não se trata mais de conciliar diferenças, mas de evidenciá-las, recusando-se a improvável promessa de meio-termo entre o pequeno círculo dos donos do poder e o crescente universo dos excluídos, ou seja, uma forma de expor por meio de suas palavras uma poética de sobrevivência, de modo a transformar a violência diária em força simbólica, por meio de uma produção cultural organizada realizada pelos próprios excluídos, cujas vozes buscam, por esse meio, dar destaque às questões referentes às identidades, manifestando insatisfação em forma de luta e resistência, a fim de que sejam reconhecidas e visibilizadas suas

reais faces combatendo qualquer tipo de preconceito, violência e estigmas da comunidade LGBTQIA+.

Assim, com as redes sociais, abre-se possibilidades de ecoar vozes a partir do lugar comum do manifesto das representações encontradas nas poesias marginais da comunidade LGBTQIA+, evidenciando questões de silenciamento, apagamento, deslegitimação, de enfrentamento, resistência e denúncia, encontradas nos discursos veiculados nas redes sociais. Tais discursos operam através de debates que por vezes são colocados à margem, em que os poetas marginais se apropriam e revidam, conforme as poesias que encontramos nas redes sociais.

2.2. AS POESIAS MARGINAIS: UM TRABALHO DE TRANSCRIÇÃO E ANÁLISE

Observamos que as “representações” são colocadas como questões referentes à luta, resistência, preconceito, violência, silenciamento, apagamento e deslegitimação combatidas nas poesias marginais veiculadas nas redes sociais como Facebook, Instagram, TikTok e YouTube, que são plataformas digitais altamente conhecidas, usadas e impulsionadoras de maneiras alternativas de resistência e luta da comunidade LGBTQIA+.

Desta forma, a poesia marginal, julgada a partir de seu lugar comum das ruas, traz à tona as inquietações dos debates acerca do pobre, negro, gay, da prostituta, da mulher, criança, homem, entre outros, que, em versos, revelam as realidades dos indivíduo marginalizados.

Sendo assim, foram selecionadas seis poesias com as seguintes identificações: rede social, data de publicação, perfil de publicação, autoria(as). Esses poemas foram transcritos no modo *verbatim*, ou seja, palavra por palavra. “A opção pela transcrição *verbatim* permite, em suma, abrir o leque de interpretações possíveis”, segundo Fielding; Thomas (2001 apud COSTA, 2014). Assim, ao ouvir e transcrever, esse processo levou-nos a adentrar no detalhe dos dados, a seguir na compreensão do significado daquilo que estava sendo declamado.

E, a começar, desde logo, à finalidade, ou seja, a análise, que, dentro da perspectiva da análise discursiva, interrogando os sentidos a partir da interpretação da materialidade estabelecendo a relação entre ideologia, história e linguagem, respectivamente, a ideologia sendo a posição do sujeito filiado a um discurso, de modo

a constituir a representação; a história, aquela advinda do contexto sócio histórico; e a linguagem, materializada por meio da fala, escrita, imagens e linguagem corporal.

Poesia 01:

Publicada em 26.04.2022, no TikTok, pelo perfil @ch_raay, de sua própria autoria.

1. *Eu queria mostrar que eu sou romântica,*
2. *chegar aqui e falar de amor,*
3. *mas não posso, é que o meu amor é pecador,*
4. *eu digo isso porque fui violada, no nome do Senhor,*
5. *mas eu entendo, ele só queria mostrar que sou mulher*
6. *e que o homem é meu Predador.*
7. *Eu juro que tô um triz de explodir*
8. *por não poder amar em paz, sem beijos, sem abraços.*
9. *“Cês não estão vendo criança ali?”*
10. *se não houver criança, tenham compaixão e respeitem as famílias então.*
11. *Desde criança a Maria macho aqui não entende o que há de errado*
12. *me diz a lógica que de eu ir pro inferno só por ter me apaixonado?*
13. *e ainda me perguntam como foi que eu me tornei tão fria?*
14. *- Meu sapatão pisa na tua homofobia!*
15. *Dizem que eu quero virar homem, mudar de sexo,*
16. *mas não sou eu quem assedia mulheres na rua*
17. *e ainda diz: “foi só um reflexo”*
18. *que eu me lembro não foi a sapatão que foi acusado de tal “estupro culposo”*
19. *é filha da puta privilegiado e ainda paga de bom moço!*
20. *Em casa, o chefe do lar bate na esposa, e na rua tem outra.*
21. *A criança cresce traumatizada, abandonada, mas isso aí é só “migué”.*
22. *Se perceber, no final, eu sou a errada por amar uma mulher.*
23. *Por esses e outros motivos, de macho cês não vão poder me chamar*
24. *é que além de ser mulher com M maiúsculo, ainda sou filha*
25. *das que vocês não conseguiram queimar.*

Nesse poema, nos dois primeiros versos, nos deparamos com um sujeito que precisa reprimir suas emoções em função da condição na qual se encontra, evidenciada no “amor pecador”, na sequência. Em se tratando da comunidade LGBTQIA+, observamos que durante muito tempo, nesses novos tempos, há a inviabilidade de demonstração de afeto, principalmente em público, haja vista o preconceito e estereótipos, devido a “anormalidade” do relacionamento.

De outro lado a sentença de relações homoafetivas serem condenadas pela igreja, que considera pecado e retira a legitimidade do amor entre as partes. Essa

repressão que a autora coloca evidência, em seguida, a tentativa de “reparação” por meio de um abuso sexual cometido “em nome do Senhor”, o que revela o assédio vindo de um membro da igreja que queria, de maneira criminosa, ensinar o sujeito da história a sentir gosto por sua sexualidade e reiterar os papéis: a mulher sendo a presa e o homem o predador. E é assim que descobrimos que a principal personagem se trata de uma mulher lésbica cansada de ter seus sentimentos sequestrados, sufocados e desvalidados.

Nos versos 9 e 10, a demonstração é caçada pelo justificativa do papel da criança ou pelo respeito às famílias, quando numa situação de exposição. Percebemos que muitas vezes a figura infantil e sua nutrida condição de pureza é colocada como justificativa para a não relação de um casal, por exemplo, numa praça, questão que se dá para que os pais não se deparem com necessidade de explicar, acabando ou perpetuando o preconceito, ou por medo de ainda não superarem a realidade da homossexualidade não ser uma doença, de maneira que a criança, ao ter contato, “pegue”. Em seguida, como sendo um desrespeito e atentado contra a família tradicional (homem, mulher e filhos), com efeito da falta de compreensão que casais homoafetivos também são família, por meio de suas orientações sexuais configuram novos modelos de constituição familiar.

Assim, a partir dos ataques e desmotivações que a levaram ao resfriamento dos seus sentimentos, da demonização e impossibilidade da demonstração afetiva, o sujeito se reafirma e revida, desse modo, dos versos 14 ao 25, são confrontados realidades que tiram a mulher lésbica do papel de antagonista da sociedade, mostrando que não são elas que abusam de outras mulheres e que a recorrência de abusos incidem de homens, sem generalizar, que justificam seus comportamentos só pelo “reflexo”, o que analisamos como sendo o instinto, condição natural que o animaliza e demonstra sua total incapacidade de comportamento social.

Na poesia, é trazido ainda um recorte do caso Mariana Ferrer, modelo e influenciadora digital, que, em 15 de dezembro de 2018 alegou ter sido vítima de estupro de vulnerável, quando naquela data praticaram conjunção carnal com ela, contra sua vontade, após ter sido dopada (RICCI, 2022), o qual seu algoz foi julgado como “estupro culposo”, quando o homem não teve a intenção de estuprar, configurando-se um absurdo, que é um reflexo da sociedade que normaliza o assédio e crimes contra a mulher e demoniza o relacionamento entre pessoas do mesmo sexo.

Quanto a família, enquanto a sociedade condenam as homoafetivas, as tradicionais estendem cortinas que escondem a infelicidade conjugal, as traições e traumas imputados às crianças, contextos mais graves do que o ato de duas mulheres se amarem. Assim, o sujeito ainda reforça que não se trata da mulher lésbica requerer o lugar de homem, pelo contrário, foi apresentado um contexto de situações que denunciam as atitudes desses homens, que usam de seus relacionamentos como troféus; e reafirmando que ser mulher transcende a masculinidade.

Poesia 02:

Publicada em 17.01.2022, no TikTok, pelo perfil @mayconvof, de autoria da mc Bixarte.

1. *Eles estão nos matando, será que alguém vai me ouvir?*
2. *Primeiro levaram ela depois vão atrás de mim!*
3. *É que mesmo com medo a gente segue cantando,*
4. *vocês pagam de esquerda, mas vivem passando o pano*
5. *pro MC que é escroto, pro patrão que é racista*
6. *tem mulher morrendo por causa do irmão machista*
7. *é que a bala perdida tá mirada na minha testa*
8. *a cada preto que cai, a casa grande faz festa.*
9. *- Olha, Deus, desculpa te ligar essa hora,*
10. *é que eu fui expulsa da tua casa agora,*
11. *descobriram que eu sou travesti e me mandaram embora*
12. *e eu prometo, que eu não aguento mais essa desigualdade*
13. *quando é que vocês vão perceber*
14. *que a hipocrisia é o grande câncer dessa cidade*
15. *Eu repito:*
16. *vocês não vão encontrar o meu corpo preso dentro de uma viatura*
17. *o meu nome é Bixarte e não sou prostituta, eu sou a própria Literatura*
18. *e eu garanto que em cada escadaria*
19. *que vocês queriam ver meu corpo morto*
20. *Eu profetizo, que o Bolsonaro vai ter uma morte*
21. *e o seu caixão ainda vai ser torto de tanta bala*
22. *e essa hipocrisia é que eu não preciso de arma de fogo*
23. *eu mato o teu povo com a minha poesia.*
24. *E ei, Bolsonaro, cê tá brincando de mágica?*
25. *Tá fazendo a fome aparecer e você nem falava abracadabra!*
26. *É que cê sabe que a minha metralhadora dispara a cada momento: Pá!*
27. *e são palavras, eu não preciso, eu não preciso da violência,*
28. *eu não preciso do tapa na cara, não preciso do seu não*
29. *eu sou travesti e, enquanto vocês me queriam morta,*
30. *eu sou a própria revolução.*

No poema, no 1º verso, podemos observar a condição de silenciamento do indivíduo que não é ouvido mesmo gritando por vida. Esse primeiro verso, nas estrelinhas, revela as tentativas sem sucesso de denúncias que não apuradas, de crimes que muitas vezes são esquecidos e engavetados, da sociedade que vê e ouvi, mas naturaliza. No verso seguinte, conseguimos constatar que a falta de uma ação concreta faz com que ocorra recorrência e coloque esses sujeitos em um espaço de continuidade e espera pelo destino até então irremediável.

Continuando e, a partir do 3º verso, inicia e segue até o fim, se desenvolve um discurso de reafirmação, resistência e denúncia. Ao trazer o caminho que leva o sujeito a morte, observa-se que não há espaço para ceder e que ter medo faz parte, mas cantar, - metáfora à denúncia -, deve ser mais forte e enfrentar é o caminho. Nos versos 4, 5 e 5, a autora mostra exemplos de impunidades que são vistas cotidianamente e que podem ser fatores que fomentem os índices de homicídios, primeiro o poema traz a hipocrisia de pessoas que se colocam no papel social da esquerda, - a esquerda no Brasil, nos últimos anos, tem apoiado a causa da comunidade LGBTQIA+ -, contudo, há um seletivo grupo que não consegue compreender as pautas que defendem e acabam invalidando a luta esquerdista e “passam pano”, ou seja, negligenciam e silenciam, ataques à comunidade; segundo, o poema chama para reflexão as questões referentes ao MC's, onde alguns indivíduos usam do movimento do funk para fazer apologia a crimes que envolvem não só a homofobia, mas, também, o feminicídio, o uso de drogas e as mais diversas modalidades de crimes, velados pela batida e letras que convergem à morte, e ainda no 5º verso, é colocado o autoritarismo do patrão e a recorrência de racismo dentro dos locais de trabalho; e em terceiro; o feminicídio ganha espaço ao ser escancarado ocorrência de crime dentro de casa pelos próprios familiares. Todas essas denúncias apresentadas passam por silenciamento, e explicam a utopia da justiça frente aos crimes homofóbicos, justificado no verso 7, quando a autora diz que “*a bala perdida tá mirada na minha testa*”, na qual é visível e premeditável, mas quase ninguém vê, quase ninguém faz nada.

Nos versos 9, 10 e 11 observamos o preconceito instalado nas igrejas, contudo, ao iniciar o verso falando com Deus, “- *Olha, Deus, desculpa te ligar essa hora*”, notamos que, primeiro, a autora mostra que não há distância entre o ser divino e as pessoas da comunidade LGBTQIA+, ao tornar claro o diálogo direto, o poema faz cair por terra o discurso religioso, mas, na continuação, a não compreensão da figura do

Deus amor, cega e tira a legitimidade do relacionamento da travesti com Deus, ao ser expulsa do templo, selecionando quem pode ou não manifestar sua fé.

Nos versos 12, 13 e 14, a autora então assim como reforça aquilo que veio se falando deste o começo do poema, que a “*hipocrisia é o grande câncer*”. Nos versos 13 e 14, a poeta traz um grito de profecia ao exclamar que “*não vão encontrar o meu corpo preso dentro de uma viatura*”, tirando a condição de criminosa a orientação sexual do indivíduo ou de sempre “sobrar” para o lado dos mais fracos. No verso 17, observamos que a autora se coloca como parte do poema, ela traz uma reflexão na tentativa de retirar o estigma imputados às travestis, na qual as colocam como sendo sempre prostitutas, o que não é verdade e, ao intensificar a intelectualização a seu respeito, mostra que há um indivíduo para além do preconceito, que tem cultura e contribui com a literatura, independente de como a imputam o preconceito, avanço esse que vem ganhando espaço no Brasil, pois a comunidade LGBTQIA+, por meio de seus membros, está mais presente como docentes nas universidades e nos lugares de ampla disseminação de cultura como na música e na literatura.

Nos versos 18 e 19, ela reitera que sua voz será ouvida e que, diferentemente do início do poema, não mais as virão mortas. No verso 20, ela tematiza a atual situação do país, fazendo da poesia uma das formas de denúncia e reparação social, ao trazer a fome como protagonista do governo do presidente Bolsonaro, em seguida ela desenvolve seu discurso usando a metáfora da metralhadora, pois enquanto a do governo se constitui num projeto contra a vida, a metralhadora de palavras, que se transformam em poesia, tem um alcance tão maior e capaz de revolucionar a sociedade.

Poesia 03:

Publicada em 16.10.2019, no Instagram, pelo perfil @Bixarte, de própria autoria.

1. *Eduardo Bolsonaro resolveu nos atacar,*
2. *mas se assumir que é bom isso aí vai demorar .*
3. *É L de lésbica que passam por assédio todos os dias*
4. *G de gay que convive com homofobia,*
5. *B de bissexuais que escuta piadinha e hipocrisia*
6. *T de travesti que cê encontra morta nas escadarias*
7. *e por aí não para,*
8. *nosso povo morrendo em massa e teu pai nunca faz nada,*
9. *família de puro clorofórmio fecal,*

10. parece que o intestino tá na tua boca e tu tá com infecção intestinal,
 11. e vê se coloca o R no final dessa frase maldita por vossa excelência,
 12. é que mesmo sendo alvo tempo todo nosso corpo é resistência
 13. resistimos a apedrada, facada, piada e ficamos cada vez mais fortes
 14. Bolsonaro, não sou fechada com Diabo
 15. Mas comigo ninguém pode
 16. Eu sei que cês tão inconformado, queriam meuf sangue jogando
 17. mas vai ter viado formado
 18. Travesti, doutora, médica e por aí não vai parar
 19. Lave sua boca para falar do meu povo,
 20. se não a faixa da presidência vamos cuspir e vamos queimar.

No poema, no seu primeiro verso, podemos observar que ao longo do seu corpo, irá se tratar do contexto social do Brasil. No verso 1, identificamos que trata de uma resposta ao deputado Eduardo Bolsonaro, que atacou a transsexual Tiffany, por disputar uma competição no esporte para mulheres, alegando que a atleta é homem, ao passo da compreensão do que se trata a manifestação, a autora que a perseguição se dá pelo fato do mesmo não poder assumir sua sexualidade. Nos versos 3, 4, 5 e 6, as siglas LGBT são colocadas de maneira denunciativas, as mulheres lésbicas que passam por assédio, seja por serem mulheres ou para que “aprendam” a ser, a exemplo do poema 01; os gays que todos dos dias passam por situações homofóbicas que, se não traumatiza, mata; os bissexuais que são amplamente incompreendidos; e as travestis que mais sofrem com ódio que mata.

Nos versos 8 e 9, a autora confronta que há recorrência de mortes e que não se faz nada ou não surge nenhuma política de proteção advinda do governo federal, pois como deputado federal e tendo seu pai como presidente, ele prefere a omissão e seguir o mesmo discurso, posicionamentos esses que vão de encontro com incapacidade de gerir, mas também com a constante capacidade de só falar o que os convém. Assim, nos versos finais, do 12 ao 20, o discurso de resistência é usado a fim de mostrar que mesmo diante das várias representações de violência que a comunidade LGBTQIA+ sofre, há um movimento organizado que se fortalece e se reafirma ao mesmo tempo que em que existe frente ao governo federal que não propicia política de vida e proteção aos membros da comunidade. Desta forma, nos versos 16 e 17, há novamente a anuência de luta pelo espaço acadêmico, na qual a formação está para além do inconformismo de ver esses atores em espaços marginais e informais, cujo esse movimento de revolução tem se tornado tão forte, de modo a instabilizar a governabilidade do representante do executivo federal.

Poesia 04:

Publicada em 08.01.2020, no Instagram, pelo perfil @Bixarte, de própria autoria.

1. *Faz um mês que eu preciso apertar na tecla para poder existir*
2. *expor nas rádios as fêmea e macho que não querem me ver por aqui*
3. *mês da “visibilidade trans”, mas que hipocrisia*
4. *nossa visibilidade é ver Maria, Alice e Jussara estirada morta numa escadaria*
5. *ninguém visualiza uma trava formada*
6. *e vocês seguem fazendo minha raça de caricata*
7. *Eu declaro sobre a raça acadêmica, que eu não vou mais ser tema de TCC*
8. *e pra isso minha luta vai ser constante, eu vou ter o meu TCC,*
9. *ocupar uma cadeira e ser uma trava estudante*
10. *O capitalismo ama espalhar bandeiras trans pelas lojas e pelos outdoor,*
11. *E isso me dá uma dor permanente,*
12. *pois nas mesma lojas tem uma bandeira trans,*
13. *não tem uma trans como atendente*
14. *esse é o país hipocrisia, que até os mais desconstruídos gerenciam a transfobia*
15. *no mês que era para vocês me abraçar e me acolher*
16. *vocês nos expulsam e nem sente dó*
17. *Lanna Hellen não tá sozinha!*
18. *E eu declaro morte e faleça sobre o Shopping Pátio Maceió*
19. *E não, não deem risada, eu não sou pastora,*
20. *mas vim deixar meu ódio pregado bem aqui*
21. *se prepare, 2020 vai ser o ano regido pelas travesti.*

No poema em análise, nos dois primeiros versos, notamos a indignação de sempre o movimento LGBTQIA+ voltar ao início e ter de resistir ao denunciar crimes de LGBTfobia, denúncias essas que não chegam, sem sua maioria, a lugar nenhum, levando as vítimas ao lugar da impunidade. O poema, a partir do 3º verso, revela o principal fator para a construção da poesia, o mês da visibilidade trans, que, na prática, é entendido pela comunidade LGBTQIA+ como um instrumento que não tem atingido seu objetivo, mas reforçado ainda mais o preconceito e escancarado a hipocrisia de empresas, que usam desse momento somente para se impulsionar nas redes sociais. E, nos versos seguintes, 4 e 5, ratifica o que verdadeiramente querem que seja visibilizado, na qual são elencadas as companheiras que tiveram suas vidas tiradas e seus crimes foram invisibilizados, onde o mês acaba, ao sair do objetivo, tornando a imagem da pessoa trans caricata.

Nos versos 7, 8 e 9, o poema faz uma reflexão sobre o espaço acadêmico, que tem sido palco para tematizar a vida da comunidade LGBTQIA+, mas não tem

dado destaque ou aberto suas portas para que os membros escrevam sobre suas próprias vidas ou pelo fato de serem apenas usados, sem que haja qualquer retorno concreto, assim a luta para ocupação desse espaço tem ganhado mais força e saído de sonhos para concretude, reiterando que o mês da visibilidade é apenas jogada capitalista para arrecadar dinheiro, pois não se interessa pelo real desejo das pessoas trans, haja vista que muitas vezes a inclusão é apenas, literalmente, na fachada, mas que não incluem, de fato, nas lojas, quando nos referimos ao emprego.

Nos versos 16, 17 e 18, embasada na perspectiva da hipocrisia, a autora, no seu discurso demonstrativo, traz ao poema o fato que ocorreu com a transexual Lanna Hellen, que foi expulsa do Shopping Pátio Maceió por ser confundida com uma marginal. Em seguida, nos versos 19 e 20, faz alusão aos evangélicos que usam de sua religião para pregar ódio contra a comunidade LGBTQIA+, e nos versos finais, a reflexão do início volta ao cenário, ao se reafirmarem ano após ano para existirem.

Poesia 05:

Publicada em 05.07.2017, no YouTube, pelo canal Matheus Bortolatto, de autoria própria.

1. *Me responde, até quando? Até quando? Até quando?*
2. *Me responde, caralho, até quando? Me responde, até quando?*
3. *Me responde, até quando? Eu quero saber, até quando?*
4. *Me responde, eu só gostaria de saber até quando, até quando?*
5. *Porque não é possível, não é possível que isso continue até o fim da minha vida, não é possível que eu tenha que pagar com a minha vida.*
6. *Você vai me responder até quando? Até quando? Me responde.*
7. *A meses eu procuro uma data,*
8. *até quando homossexuais vão morrer de forma brutal?*
9. *Me responde, até quando?*
10. *Até quando travesti vai parar de morrer na rua a paulada, me responde, até quando?*
11. *Eu só gostaria de saber até quando?*
12. *Até quando vamos ter que pagar com as nossas vidas por conta de preconceito alheio?*
13. *Até quando? Até quando o outro sem escape vai ter que morrer afogado numa privada, enrolado no insulfilm como se fosse um pedaço de bosta?*

14. *Eu não sei até quando,*
15. *eu ainda não sei até quando olhos serão furados por palitos de dente*
16. *corpos violentados por conta de preconceito alheio*
17. *me responde, até quando?*
18. *uma mídia que acoberta, que encobre preconceito.*
19. *Eu viverei tentando descobrir até quanto*
20. *Intolerantes não passarão! Aqui perto de mim, não,*
21. *gente nojenta sem um pingão de decência*
22. *se não gosta, respeita,*
23. *você, querendo ou não, continuaremos lutando contra o seu preconceito*
24. *Fala baixo! Meu bem, aceita, vai ter viado dando close na rua sim!*
25. *não dá para fingir que nada está acontecendo.*
26. *uma mídia que esconde tudo, um país que mais mata travesti na história*
27. *até quando? Até quando vai continuar tudo isso?*
28. *É bichina, viadinho, né?*
29. *Esse viado do caralho tem que morrer, raça nojenta sem um pingão de decência,*
30. *são a favor da violência.*
31. *Se você não se não gosta vai ter respeitar,*
32. *vai ter que respeitar e aceitar o close na rua*
33. *Aceitar dentro da sua casa.*
34. *É difícil, né? É difícil aceitar seu filho, é difícil, né?*
35. *O filho do vizinho pode, o filho da vizinha pode, agora, seu filho não pode?*

No poema em análise, nos sete primeiros versos, percebemos o fato do quanto resta à comunidade LGBTQIA+ para superar o estigma da morte e violência estarem atrelados às suas vidas. No 9º verso, a autora evidencia a recorrência do homossexual sempre ser assinado com crueldade, desde o preconceito velado, o explícito até as aqueles que são mortos a pauladas a céu aberto. No discurso demonstrativo, o poema mostra as diversas formas nas quais os membros LGBT são encontrados na cena do crime, quando, por exemplo, é colocado o trecho que diz: “até quando? Até quando o outro sem escape vai ter que morrer afogado numa privada, enrolado no insulfilm como se fosse um pedaço de bosta?”, colocando a vítima em um lugar de desumanidade, espaço no qual luta rotineiramente para não estar. E, nos versos 20 e 21, encontramos o silenciamento midiático, cujo espaço das redes sociais, ocasiona posicionamentos dispares, pois ao passo que é usado para lutas, é também lugar de segregação e apagamento.

Entre os versos 22 a 26, remete o leitor ao entendimento de resistência mesmo diante da indecência e do desrespeito da sociedade. Ao reafirmar que haverá “close” na rua, o indivíduo deixa claro que não há espaço para repreensão e das formas de amar, mesmo diante da mídia que por vezes minimiza e do país que mais

mata travesti. No verso 32 e 33, ao colocar o gay como figura de pessoas violentas, mostra a justificativa que é usado para violentar os membros da comunidade LGBTQIA+, quando, na verdade, são, na maioria das vezes, as principais vítima da história. Desta forma, nos versos 36, 37 e 38, podemos refletir o porquê da agressão, pois existem situações que se dão devido a não compreensão ou aceitação dentro da sua própria realidade, seja ela no grupo de amigos, na igreja ou, nesse caso, na própria família.

Poesia 06:

Publicada em 22.05.2019, no YouTube, pelo canal Mathias Souza, de autoria desconhecida.

1. *Exatamente, a vitória de quem corre atrás e de quem sempre tem lutado.*
2. *Queremos o trono pros LGBT que têm vencido o genocídio parcelado*
3. *não queremos só respeito, queremos também oportunidade,*
4. *é que o fato de ser bicha faz eles duvidarem da nossa capacidade.*
5. *Hoje, também é dia de comemorar,*
6. *porque eu ainda tô viva e consigo recitar*
7. *viver nesse país que mais matar LGBT*
8. *é conviver com uma bomba-relógio instalada dentro de você*
9. *Vamos começar a enfrentar teus problemas e tuas hipocrisia*
10. *é melhor se preparar, tão matando homofóbico a base de poesia*
11. *No carnaval adora se vestir de mulher e querer fazer os outros rir*
12. *mas no dia a dia se passa e não sabe respeitar uma travesti*
13. *eu sei, a nossa gangue é muita informação,*
14. *mas nossa gangue só tá completa com as minas sapatão,*
15. *que não se cansa todo dia de quebrar esse padrão.*
16. *Eles querem nos matar, porque sabe que bicho é revolução.*
17. *Ou-sada, a nova princesa Isabel vai ser preta e afeminada.*
18. *Queremos visibilidade, mas não só quando formos assassinadas*
19. *Queremos também as bichas e as travas tudo empregada*
20. *a gente não vai parar, vamos mostrar que todas juntas podemos ganhar.*

O poema em análise traz a reflexão do enfrentamento e a busca pelo lugar do indivíduo da comunidade LGBTQIA+, na sociedade. Nos versos 1 e 2, há referência ao governo federal amplamente colocado como genocida, no qual não basta mais respeito, mas é preciso que seja dada oportunidades, pois para a maioria da sociedade, a homofobia coloca os outros em condição de inferioridade e desigualdade, como é alertado no verso 3.

Continuando, do verso 4 ao 7, no poema, percebemos o alívio ao viver no Brasil e notar que continua com vida, mesmo diante da LGBTfobia. Nos versos 8 e 9, observamos que há um movimento de enfrentamento e que, diferentemente da conduta de ódio, a revolução se dá de maneira intelectual, como, por exemplo, por meio da poesia. Nos versos 11 e 12, novamente é trazido a hipocrisia como protagonista, quando no trecho exemplifica que *“no carnaval adora se vestir de mulher e querer fazer os outros rir, mas no dia a dia se passa e não sabe respeitar uma travesti”*, a autora mostra que tornar caricata a pessoa LGBT enfraquece o movimento, além de divergir o respeito do uso indevido da identidade da comunidade.

Nos versos finais, 18,19 e 20, notamos novamente a busca pela visibilidade, que tem por finalidade dar voz aos membros da comunidade LGBTQIA+, contudo, não somente quando é requerido após assassinados, mas também em vida, requerendo trabalho e outras melhorias na condição de vida. O poema reforça ainda a importância do movimento que desponta, haja vista, a união e consolidação da luta, que converge para a horizontalização dos direitos e igualdade social, sendo um marco legítimo e providencial para aquisição daquilo que é reivindicado nas lutas e movimentos da comunidade LGBTQIA+.

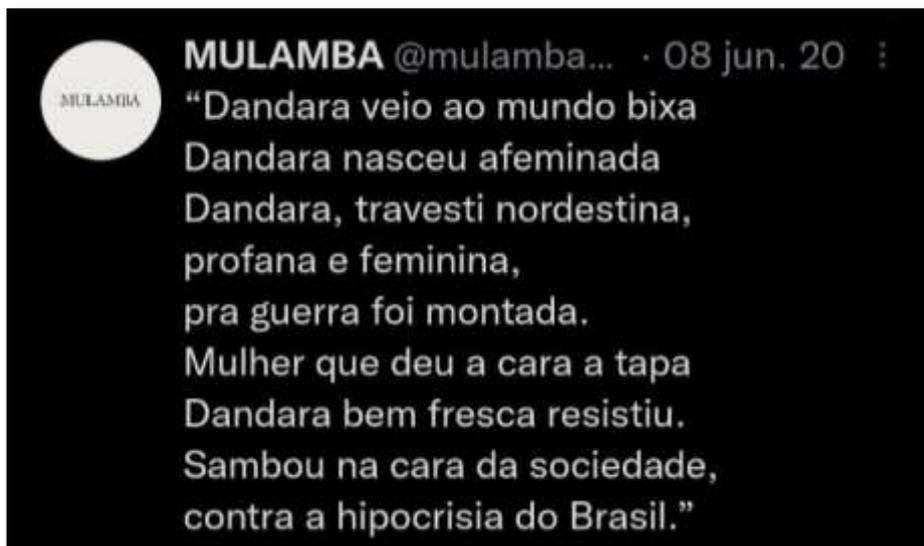
3. RESISTIR E REVIDAR: PELAS VIDAS DAS MANAS, UM MANIFESTO DE MEMÓRIA NAS REDES SOCIAIS

A sociedade atualmente advém de constantes transformações. As redes sociais e, conseqüentemente, as representações, que são encontradas nelas por meio do discurso, constroem novas relações que, pelo processo de identidade, partilham suas vidas nas redes sociais, reorganizando a sociedade e levando a comunidade midiática a experimentar, na poesia, a vida do outro, no movimento de resistência, possibilitando o indivíduo revidar ao trazer a discussão à maior condição de igualdade possível, legitimado pelo crescimento do movimentos e estudos *queer*, como explica Albuquerque (2020)

Com origem na língua Inglesa, “queer” era um termo pejorativo para identificar pessoas que não eram aceitas socialmente ou que viviam à margem da lei (como prostitutas, devassos ou desempregados). A partir da década de 80, começa a surgir a Teoria Queer, que foi consolidada por Judith Butler na obra Problemas de Gênero. O queer, então, começou a ser entendido como aquilo que é, por essência, “estranho”, ou seja, fora dos padrões sociais. Não existe uma forma apenas de ser queer. Na verdade, o termo é usado para questionar ideias sobre gênero que são impostas pela sociedade. (ALBUQUERQUE, 2020)

Assim, com o crescimento das discussões, também convergiu ao descontentamento da classe que não aceita a despadronização da comunidade LGBTQIA+ e atentaram contra a vida das “*manas*”, termo que os membros da comunidade utilizam para se cumprimentar.

Sendo assim, ao trazermos os manifestos pelas vidas da manas, buscamos fazer memória sobre vidas que, por serem vítimas do silenciamento, contribuem para a ganho de voz e no processo de enfretamento e resistência nos espaços e nas vozes de outros discursos, tanto na mídia como em espaços sociais. Nos recortes, a seguir, retirados das redes sociais, analisamos a discursividade quanto a perda de membros da comunidade LGBTQIA+, como uma ação contínua que corrobora a constituição de sujeitos discursivos políticos e históricos.



Recorte 01 – Publicação de Mulamba, no Twitter.

Continuação da Música *Dandara*, do grupo Mulamba:

“Dandara padeceu como messias, vítima da transfobia, pátria nossa, pai hostil. Viver é ter sorte, viver é fumaça. Viver pra ser forte é dar cara a tapa...”

Ao observarmos o recorte, percebemos que se trata de um manifesto acerca da travesti Dandara dos Santos, que foi assassinada em 2017, em Fortaleza.

A trágica morte da cearense Dandara dos Santos, de 42 anos, espancada em plena rua de Fortaleza no último dia 15 de fevereiro e morta a tiros, trouxe à tona mais uma vez a situação de vulnerabilidade enfrentada por travestis e transexuais em um país onde, segundo ONGs, as autoridades têm se mostrado ausentes nos casos de homofobia e transfobia. O crime brutal foi filmado, mostrando a travesti sentada ensanguentada no chão, recebendo pauladas e chutes desferidos, entre xingamentos, por pelo menos quatro homens. (LAVOR, 2017).

No post, o sujeito do discurso inicia com a oração *“Dandara veio ao mundo bixa”*, o que produz o efeito de reafirmação contínua, ou seja, da travesti nunca ter escondido sua orientação sexual, ratificando ao utilizar o enunciado *“Dandara nasceu afeminada”*. Atualmente, podemos observar que existe a predominância do medo social, fato esse que faz os membros da comunidade LGBTQIA+ dividirem espaço com o resultado de suas decisões. Somado a isso, a *afeminilização* do indivíduo potencializa o preconceito, devido aos estigmas cristalizados, seja pela postura, pelo físico, pela voz ou pelas atitudes, condições normais à comunidade e, maioria da vezes, chacota da sociedade.

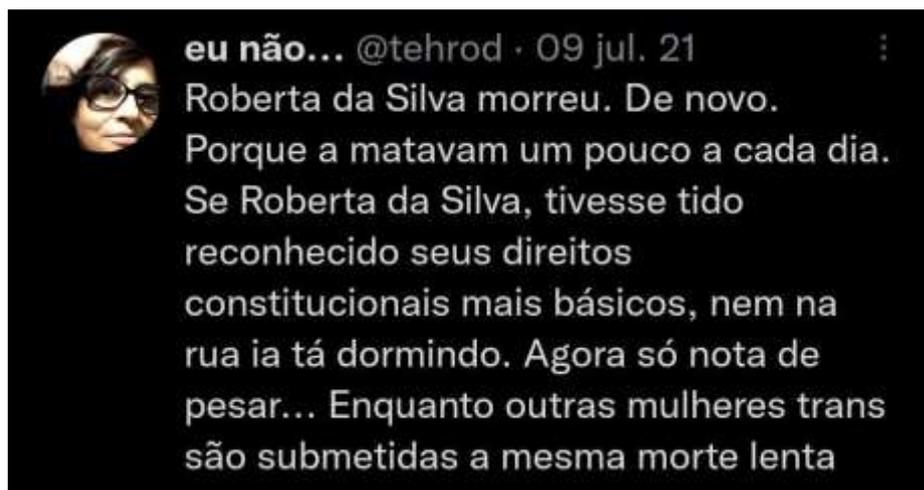
Outros pontos levantados são as características da vítima *“Dandara, travesti nordestina, profana e feminina”*. Percebemos que, o sujeito do discurso, para

além da caracterização, mostra-nos fatores que fomentam o preconceito acerca da pessoa travesti, de modo especial, Dandara; primeiro: *“travesti nordestina”*, a discussão sobre o homem nordestino figura-se de modo mais enfático a condição do “cabra macho”, logo, aqueles que biologicamente nascem homens, convivem com a padronização, aumentando o preconceito; e, em segundo: *“profana e feminina”*, a observação correlacionada ao gay afeminado vimos acima, aqui, percebemos a referência ao profano, que, habitualmente é usado como autorreferência aos membros da comunidade LGBTQIA+, demonizados e colocados à margem da sociedade e das religiões, mas que não se deixam julgar, pois eventualmente se apossam dos ambientes religiosos para colaborar, até mais que muitos conservadores.

Dandara foi morta em 15 de fevereiro, e, como aquela não tinha medo, enfrentava e resistia, prova disso, observamos no trecho *“pra guerra foi montada”*, ao ser morta vestida de mulher, fato não isolado, pois, enquanto para as travesti se montar é resistência, para os intolerantes é inconveniência e motivação para assassinatos.

No excerto seguinte, o sujeito do discurso evidencia o enfrentamento ao construir a oração *“mulher que deu a cara a tapa”*, ou seja, ao reconhecer Dandara como *mulher*, reconhece toda luta social que ela, assim como milhares de travesti, enfrentam para serem aceitas como tais. Além disso, evidencia-se a força da mulher que não foge, mas enfrenta com coragem, que paga com a vida, o que não minimiza o sofrimento da perda, mas descortina lutas ao dar lugar para vozes que até então não ecoavam, mas que foram potencializada por meio da utilização das redes sociais. *“Dandara bem fresca resistiu, sambou na cara da sociedade, contra a hipocrisia do Brasil”*, assim, observamos a resistência da travesti, que, mesmo sofrendo, não esquivou de mostrar quem era, de enfrentar o preconceito estrutural e explicitar a covardia em sua morte ao ser assassinada sendo gravada, jogada na calçada e ninguém impedir.

A seguir, temos o recorte retirado do perfil *Eu não...*, que traz um manifesto desconformidade com o assassinato de Roberta da Silva, em Pernambuco.



Recorte 02 – Publicação de Eu não..., no Twitter.

Morreu, na manhã desta sexta-feira (9), a mulher trans Roberta Silva, de 33 anos, que teve 40% do corpo queimado por um adolescente no dia 24 de junho, no Cais de Santa Rita, área central do Recife. Roberta estava internada no Hospital da Restauração (HR), no bairro do Derby, área central do Recife. O óbito de Roberta ocorreu por volta das 9h desta sexta-feira e foi confirmado pela assessoria de comunicação do HR. Segundo a unidade de saúde, ela tinha sido novamente intubada e, nos últimos três dias, apresentou piora nos sistemas respiratório e renal. Com o quadro agravado nas últimas horas, Roberta sofreu falência dos sistemas respiratório e renal e não resistiu após passar 15 dias lutando pela vida. Ela morreu após tentativa de homicídio na madrugada de 24 de junho, no Cais de Santa Rita, bairro de Santo Antônio, área central do Recife. Ela, moradora de rua, costumava dormir nas proximidades do terminal rodoviário. (Folha de Pernambuco, 2021).

A publicação do Twitter inicia com a formulação “*Roberta da Silva morreu. De novo*”, temos no enunciado a determinação do sentido de repetição *de novo*, no qual observamos a sequencial tentativa de matá-la, ratificado esse entendimento com a oração seguinte “*porque a matavam um pouco a cada dia*”, ou seja, além de enfrentar o preconceito, a construção do enunciado metafórico se refere à resistência, a partir do indivíduo que se depara com a realidade do dia a dia, o de enfrentamento até a morte, de fato.

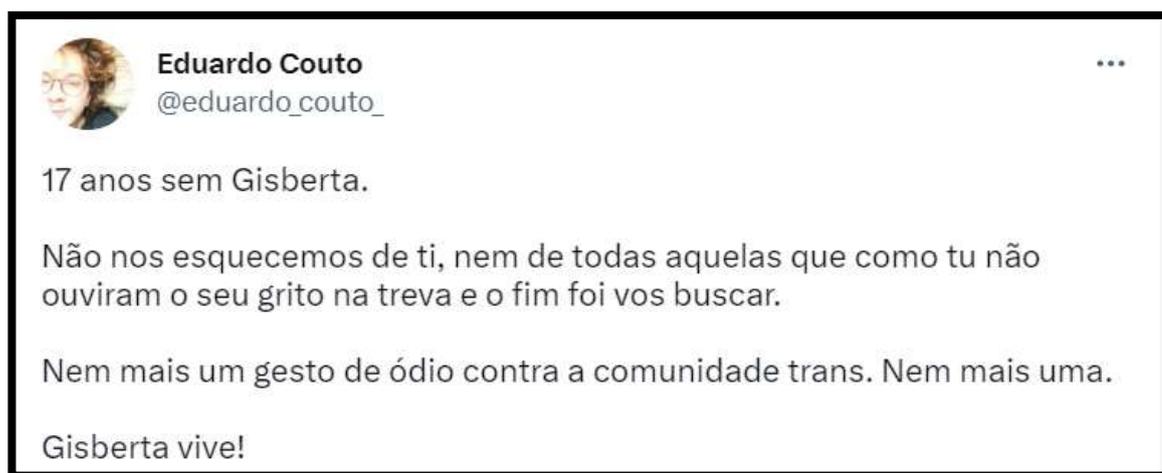
No decorrer da narrativa, o enunciado “*se Roberta da Silva, tivesse reconhecido seus direitos constitucionais mais básicos, nem na rua ia tá dormindo*”, faz alusão à falta de informação acerca dos direitos que assegurariam moradia e melhores condições de vida. No Brasil, a constituição federal assegura, em seu artigo 5º, incisos XXII e XXIII, o direito à moradia, mas que não se efetiva de modo integral por falta de políticas públicas.

No enunciado “*agora só nota de pesar*” analisamos a recorrência de uma sociedade que atura ou não fomenta o enfrentamento à violência e ao preconceito,

mas que, com o fato consumado, aqui, na morte de Roberta, a principal ação efetivada são notas de pesar, que não consolam, não punem e não traz de volta a vida quando, na prática, havia a possibilidade de evitar.

Por fim, o sujeito do discurso na oração “*enquanto outras mulheres trans são submetidas a mesma morte lenta*”, traz à tona a pauta da coletividade das vozes que se entrecruzam às questões das mulheres trans que sofrem com os mesmos estigmas que matam os membros da comunidade LGBTQIA+ violentamente todos os dias.

Destarte, no recorte seguinte, retirado do perfil *Eduardo Couto*, no Twitter, podemos observar a memória feita à Gisberta Salce Júnior, mulher trans que foi espancada por vários dias por um grupo de 14 jovens, morrendo, no final, afogada ao ser jogada em um poço, aos 45 anos.



Recorte 03 – Publicação de Eduardo Couto, no Twitter.

Em 2006, o nome de Gisberta estamparia os noticiários por um motivo chocante e triste. A brasileira foi encontrada morta em um poço no Porto, após ser agredida e violada por um grupo de 14 adolescente, entre os 12 e 16 anos. A autópsia confirmou lesões na cabeça, pescoço, membros inferiores e superiores, laringe e traqueia, abdómen, intestinos e rins; múltiplas equimoses, infiltrações hemorrágicas, escoriações e infiltrações sanguíneas. Esse se tornaria então o crime de transfobia mais bárbaro da história do Porto. Poucos meses depois, surgiu a Marcha do Orgulho do Porto, equivalente à Parada LGBTQIA+ que conhecemos no Brasil e que acontece todos os anos. Em julho daquele ano, no contexto da morte de Gisberta, se realizou a primeira Marcha em um local próximo de onde ela foi encontrada sem vida. “O assassinato de Gisberta foi um crime bárbaro, que chocou a sociedade na época. Houve muita discussão em torno dessa questão e muito ativistas da causa se articularam em Portugal. A ideia era trazer visibilidade e até mesmo para outras questões públicas que envolvem os direitos das pessoas trans e questões relacionada à vida da Gisberta. (CORNACHIONI, 2021)

Podemos observar que as redes sociais são usadas como palco memorial, que trazem à tona histórias de perdas, mas que convergem à resistência, em especial, a da comunidade LGBTQIA+. No post de Eduadro Couto, o sujeito do discurso inicia com a oração “*17 anos sem Gisberta*”, no enunciado percebemos o uso da marcação temporal, primeiro, para marcar o espaço de tempo entre o assassinato e o tempo atual, revela o deslocamento sobre a continuidade dos mesmos tipos de crimes, a impunidade intrínseca aos homicídios relacionados à comunidade LGBTQIA+ e o esquecimento de histórias como a de Gisberta, que acaba caindo no esquecimento da sociedade, reproduzindo efeitos de inferiorização; segundo, para marcar o fato da perda física da personagem.

Ao utilizar a formulação “*Não nos esquecemos de ti*”, o sujeito do discurso produz o efeito da negativa do esquecimento, - aos que resistem junto à memória de Gisberta -. Ao não esquecer até a atualidade, é trazido ao sujeito do discurso o sentido a história contínua de vida, mobilizando movimentos por meio de uma memória coletiva, que se reúnem para legitimar e tirar do apagamento pessoas e vozes silenciadas, como reitera na seguinte oração “*nem de todas aquelas que como tu*”, nos reportando ao sentido de continuidade de crimes à outras vítimas que sofrem a atualização das violências sobre a comunidade LGBTQIA+, marcando um processo de conflito acerca da justiça, contramão às lutas e mobilizações de resistência. Assim, seguindo, o sujeito do discurso formula a sentença “*...não ouviram o seu grito na treva e o fim foi vos buscar*”, fazendo assim referência ao silenciamento, da violação do direito ao socorro, mas também pelo fato da mesma ter sido jogada em um poço, no qual a frase “*na treva*” ilustra a figura do poço e a escuridão encontrada em seu interior cheio d’água, que afogou e impossibilitou os movimentos de Gisberta, matando-a, como se o único a escutar suas mínimas capacidade de gritar fosse seu próprio fim, que foi ao seu resgate, buscar sua vida.

Assim, no trecho “*nem mais um gesto de ódio contra a comunidade trans. Nem mais uma*” constitui-se um efeito de enfretamento aos atos contra a vida das trans, considerando a carga simbólica de que os membros que mais morrem vítimas da LGBTfobia são os membros trans

Em 2022, no Brasil, 256 pessoas da comunidade LGBT+ foram vítimas de morte violenta. O Brasil continua sendo o país onde mais LGBT+ são assassinados no mundo: uma morte a cada 34 horas. Os gays continuam sendo o segmento mais vitimado por mortes violentas em termos absolutos, embora as “trans”, que representam por volta de um milhão de pessoas, proporcionalmente correm 19% a mais de riscos de crimes letais que os

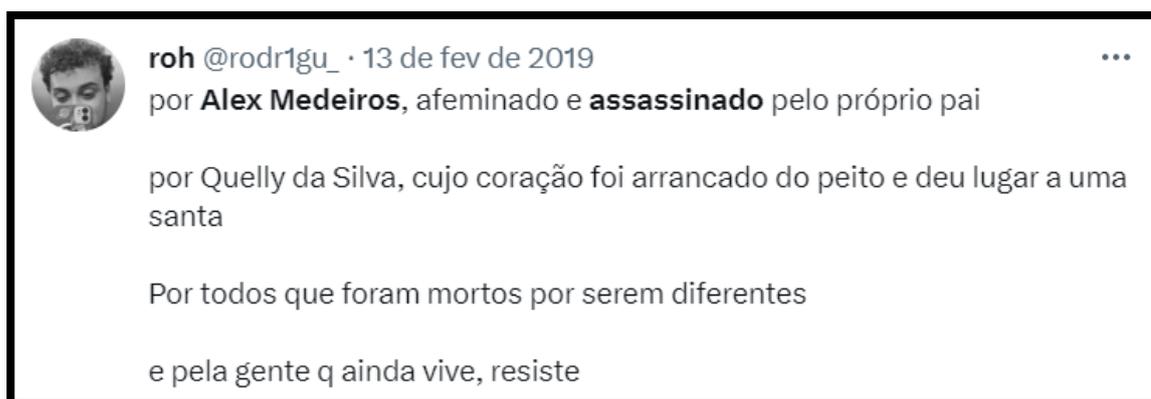
homossexuais. Quanto à idade das vítimas, predomina a faixa etária dos 18 aos 29 anos (43,7%), o mais jovem com 13 e o mais idoso, com 81 anos. População na flor da idade produtiva e no auge da vida sexual. Chama a atenção que travestis, transexuais e transgêneros são assassinadas antes de completar 40 anos: do total de 110 vítimas trans, 83% morreram entre os 15 e 39 anos. (Agência Aids, 2023)

Prova irrefutável da existência de uma cultura do ódio contra a população LGBT em nossa sociedade e da importância da resistência e enfrentamento da luta para mudar a realidade no Brasil. Esse manifesto de atravessamento de vozes que dura 17 anos após morte de Gisberta, que a torna viva, assim como aqueles que existem junto à memória de personagem, na qual o sujeito sujeito do discurso nos faz perceber a presentificação ao formular “*Gisberta vive!*”, não usando o verbo que habitualmente seria no passado “viveu”, na qual percebemos a encarnação da figura da vítima em vozes e lutas atuais. Tão viva que, em sua homenagem e como forma de denúncia à discriminação, Pedro Abrunhosa escreveu a música “Balada da Gisberta”, que, na voz de Maria Bethania, canta a memória da vítima e relembra o fato, como mostra o trecho:

“Trouxe pouco. Levo menos
A distância até ao fundo é tão pequena
No fundo, é tão pequena
A queda.
E o amor é tão longe
O amor é tão longe
O amor é tão longe
O amor é tão longe”
(Balada de Gisberta, Maria Bethânia)

Assim, segundo Foucault (apud DOMINGOS, 2009, p. 21), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos”, ou seja, notamos que a força do discurso está relacionado à forma como é externalizado, instituindo, por meio do atravessamento de vozes as ideologias intrínsecas ao contexto; um discurso pautado na resistência, que leva em consideração as verdades históricas e sociais, na qual, a partir da multiplicidade do sujeito, diz respeito não só a Gisberta, mas a condição do outro. Considerando a perspectiva discursiva foucaultiana, a vítima deixa de ser apenas um sujeito e passa a ser uma posição diante do discurso dominante do preconceito.

Posteriormente, trazemos uma publicação de *Roh*, no Twitter, que traz dois casos de LGBTfobia, conforme podemos observar no recorte publicado em 13 de fevereiro de 2019.



Recorte 04 – Publicação de Roh, no Twitter.

Observamos, no primeiro momento, a formulação “*por Alex Medeiros, afeminado e assassinado pelo próprio pai*”, traz a nome da vítima e uma característica que produz o efeito da motivação do assassinato e seu algoz, seu pai, conforme a notícia posterior

Com apenas 8 anos, o menino Alex foi espancado pelo pai Alex André Moraes Soeiro, 34, até a morte, na Vila Kennedy, zona Oeste do Rio de Janeiro, no dia 17 de fevereiro. (...) Após duas horas de espancamento, Alex foi levado para a Unidade de Pronto Atendimento (UPA) de Vila Kennedy, já morto e com hematomas por todo o corpo. A equipe médica desconfiou de violência doméstica e enviou o caso para o Conselho Tutelar de Bangu. No Instituto Médico Legal (IML) Afrânio Peixoto, os peritos constataram que ele morreu por hemorragia interna. De tanto apanhar teve o fígado perfurado. Ele também tinha sinais de desnutrição. (...) no depoimento, ele afirmou ao delegado Rui Barbosa, da 34ª Delegacia de Polícia, em Bangu, zona oeste, que as surras eram “corretivos” para ensinar o filho “a andar como homem”. Para o pai, Alex gostava de lavar louça e de dança do ventre, era “afeminado”. (O Tempo, 2014).

Com efeito, o caso de Alex revela por meio do trecho “*pelo próprio pai*”, a violência familiar relacionada a uma expectativa do pai que não foi correspondida, na qual as surras eram “corretivos” para ensinar o filho “a andar como homem”, e porque a criança gostava de lavar louça e de dança do ventre. Comportamentos, segundo o pai, “afeminados”, que o levou a espancar até a morte.

No segundo momento, o sujeito do discurso, na formulação discursiva seguinte, “*por Quelly da Silva*”, faz referência a outra vítima por quem está se manifestando.

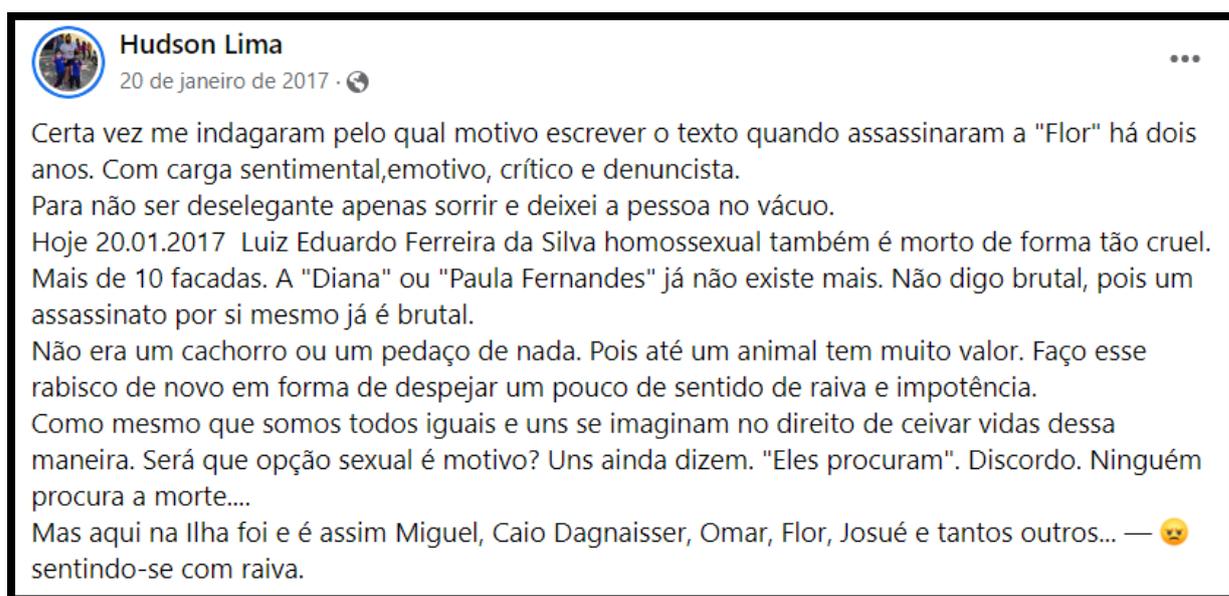
A crueldade, o fato de o autor ter se referido à vítima como ‘demônio’, a referência religiosa. Há todo um simbolismo que nos remete a essa realidade brasileira da transfobia, que é esse preconceito em relação à identidade de gênero”, explica. O crime ocorreu no Jardim Marisa, na região do Campo Belo, em Campinas, no interior de São Paulo. Segundo boletim de ocorrência ao qual o HuffPost Brasil teve acesso, o corpo da vítima foi encontrado com o rosto lesionado e o tórax aberto com a imagem de uma santa sobre ele. A

vítima é identificada no documento apenas como Genilson José da Silva, seu nome de registro, mas escolheu Quelly como nome social, de acordo com informações confirmadas ao HuffPost Brasil pela Polícia Militar. “As pessoas acreditam que a homofobia e transfobia não são crimes. Há uma sensação de banalidade do mal homofóbico e transfóbico, onde as pessoas se acham no direito de agredir, discriminar e assassinar pessoas LGBTs. O cidadão falou que a matou porque ela seria um demônio para ele. Isso mostra o grau em que está entranhada a transfobia na sociedade”, reforça o advogado Paulo Iotti, do Grupo de Advogados pela Diversidade Sexual e de Gênero (GADvS). (MARTINELLI E ANTUNES, 2019).

Assim, observamos que a impunidade leva à banalização da violência contra a comunidade LGBTQIA+, levando a crimes com requintes de crueldade. No enunciado seguinte *“cujo coração foi arrancado do peito e deu lugar a uma santa”*, ratifica a frieza e traz à tona a discussão acerca da religião como justificativa de crimes, pois Quelly teve o coração arrancado por ser demonizada por seu assassino, que implanta uma imagem no lugar do seu coração, como se numa tentativa de santificar aquele corpo.

Desta forma, na formulação *“por todos que foram mortos por serem diferentes”*, o sujeito do discurso usa o efeito da coletividade e da convergência ao crime que se deu pela diferente orientação sexual das vítimas, lugar comum e usado como condições que atravessam de um sujeito ao outro como numa memória discursiva, não mais como instrumento individual, mas como uma posição que é assumida por outros, no caso da oração *“e pela gente q ainda vive, resiste”*, num nítido aceno a continuidade da luta por sobrevivência e justiça, e que usa a figura de Quelly como objetificação de resistência, numa clara busca da ressignificação pelo sentido de vida, que à comunidade LGBT acaba precocemente, evidenciado no advérbio *“ainda”*, que sob à luz da lucidez e nas entrelinhas diz que se a pessoa *ainda* não morreu, resistirá até que o fim a busque.

No próximo recorte, observaremos a publicação de *Hudson Lima*, no Facebook, que traz, no plano principal, o caso do assassinato da travesti Paula Fernandes, em Parintins, em 20 de janeiro de 2017.



Recorte 05 – Publicação de Hudson Lima, no Facebook.

“O travesti foi assassinado com 13 facadas na madrugada do dia 20 de janeiro de 2017 na Praça Memorial José Esteves, popularmente chamada de praça da onça. (...) Segundo o presidente da AGLTPIN, Fernando Moraes, Francinaldo, o suspeito do crime, é um sujeito de alta periculosidade e continua ameaçando homossexuais. Ele ressalta que a motivação do crime teria sido homofobia.” (SOARES, 2017).

Na publicação, temos a formulação *“certa vez me indagaram pelo qual motivo escrever o texto quando assassinaram a “Flor” há dois anos”*, neste enunciado podemos observar o desconforto de alguém que não gostou de um primeiro gesto de memória do sujeito do discurso sobre a morte de uma outra vítima, o que fica evidenciado seu desconforto quando justifica que a intenção naquela e nessa publicação, segundo ele, se valia da *“carga sentimental, emotiva, crítico e denunciante”*, ou seja, da sua insatisfação da impunidade que refletiu dois anos depois em outra vítima, agora, em suas palavras *“Luiz Eduardo Ferreira da Silva”*, nome de batismo de Paula Fernandes ou Diana, alcunha social, que *“foi morto de forma tão cruel”*, excerto que demonstra a subjetividade do sujeito do discurso ao dar ênfase a crueldade do crime, ratificado logo em seguida com o fato da travesti ser assassinada com *“mais de 10 facadas”*.

“Não era um cachorro ou um pedaço de nada”, aqui nesta oração, o enunciado desanimaliza o sujeito que, na prática sobre a animalização e a demonização, retirando-o da inferioridade para colocar no lugar mais dignificado. A insatisfação é notada principalmente na sequência quando o sujeito do discurso

formula que *“faço esse rabisco de novo”*, ou seja, a reincidência dos fatos o trouxe a expressar seus sentimentos, *“em forma de despejar um pouco de sentido de raiva e impotência”*, assim, notamos a transferência e o compartilhamento de sentimentos e opiniões, características das redes sociais, com o aditivo de emoções que atravessam os sujeitos do contexto e que usam a imagem da vítima como forma de resistência e enfrentamento, dirigindo-nos à impunidade que permitiu com que novamente outra pessoa da comunidade LGBTQIA+ fosse assassinada.

O sujeito do discurso faz um efeito de sentido de unificação e partilha sobre o direito à vida não ser exclusividade com a oração *“como mesmo que somos iguais e uns se imaginam no direito de ceivar vidas dessa maneira”*, numa notável divergência à forma com que se deu o assassinato. Em seguida, o enunciado *“seá que opção sexual é o motivo?”*, o que faz com que toda discussão volte ao mesmo preambulo da diferença na orientação preferida. Ao elucidar o motivo que muitos justificam *“eles procuram”*, ele apresenta uma negativa *“discordo. Ninguém procura a morte...”*, posicionando-se diante do discurso dominante e sendo um porta voz de vozes que ecoam ao mesmo sentido.

No final, ele apresenta na formulação um efeito de conformismo negativo ao enunciar *“mas aqui na Ilha”*, - referindo-se a Parintins -, *“foi e é assim Miguel, Caio Dagnaisser, Omar, Flor, Josué e tantos outros...”*, na qual observamos um enaltecimento memorial de vítimas que passaram a ser estatísticas, dentro de uma perspectiva de continuidade ao formular *“foi e é assim”* e *“tantos outros”*.

Assim, na prerrogativa do manifesto, apresentamos um último recorte que será analisado, mas não por essa pesquisa, esse trabalho deixamos aos leitores, sobretudo os leitores parintinenses, a fim de que analisem a impunidade sobre a vida e o hiato entre os assassinatos e a justiça, se é que há. A publicação foi retirada do site Parintins Press, nela mostra uma lista de homossexuais assassinados de 2004 a 2017, em Parintins.

A AGLTPIN entregou ao PARINTINS PRESS a lista dos homossexuais assassinados em Parintins desde 2004. Confira abaixo:

MIGUEL DE SOUZA, encontrado morto em junho de 2004, com golpes na cabeça, e até hoje não descobriram o assassino.

CAIO DAGNAISER (Professor de educação Física), encontrado morto no banheiro de sua residência no dia 18/02/05, com mais de 50 facadas pelo corpo. O assassino confessou o crime, disse que cometeu o homicídio porque a vítima queria manter relação sexual com ele

LÚCIO ALMEIDA (Cabeleireiro), encontrado morto enforcado na residência de sua mãe na comunidade de vila Amazônia. Até hoje o assassino não foi identificado

ALUÍSIO DE JESUS (Cozinheiro), morreu na residência dele com várias facadas no dia 29/07/08. Foi encontrado com o suspeito documentos pessoais e cartões de créditos da vítima.

JOSUÉ MATOS ROJAS (Autônomo), encontrado morto no quarto dele no dia 10/05/2009, com mais de 50 perfurações pelo corpo, olhos e pernas perfurados com chave de fendas e seu óculos encontrado enfiado dentro de um dos seus testículos. O assassino alega que Josué não pagou cinco reais que devia a ele

FÁBIO AMAZONAS, conhecida como FABINHA (Travesti), encontrado com várias machadadas na cabeça, no dia 26/07/2009. O irmão dele viciado em drogas queria dinheiro, como Fábio não tinha, ele o matou.

OMAR FARIAS (Cantor), encontrado morto em sua residência no dia 01 de setembro de 2010, estrangulado com uma toalha e mais 27 facadas em todo o corpo. Até hoje a polícia não deu descobriu o autor do assassinato

MARIVALDO JORGE DA SILVA CARNEIRO, travesti conhecido como "Flor", foi encontrada morta no dia 30 de outubro em um terreno baldio em estado de decomposição. Até não houve resposta para o caso.

LUÍS EDUARDO FERREIRA DOS SANTOS, conhecido como "Paula Fernandes", foi encontrado no dia 20/01/2017 por populares jogado atrás da escultura de uma onça em uma praça localizada na esquina da Rua Paraíba com a Rio Branco. De acordo com testemunhas o assassino, ainda sentou-se em um bar das proximidades da praça, tomou uma cerveja, fumou um cigarro e só foi embora do local, depois que gritou para quem estava presente, que tinha acabado de matar Paulinha Fernandes.

Recorte 06 – Publicação do site Parintins Press, 2019.

*“Ainda que meu corpo esteja fadado à morte,
A vida quero ressignificar.”
- Bixarte*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas primeiras décadas do século XXI, observou-se o aumento nas discussões acerca da multiplicidade sexual e de identidade de gênero, com efeito, no espaço em conquista, foram trazidos à tona marcas dos discursos da comunidade LGBTQIA+ quase que restrito aos membros, nas quais por meio das mídias sociais se incorporaram ao cenário como, por exemplo, as questões que envolvem orientação sexual, relações homoafetivas, transexualidade e entre outras.

É evidente que a poesia marginal aliada as redes sociais tem o poder de comunicação, por se tratar de um cenário dominante, que comunica, conta histórias, causa inquietações e sensações por meio de sujeitos discursivos, de memórias e vozes que se cruzam e ecoam gritos silenciados. Produzir poemas e performá-los é utilizar de vozes e corpos que constroem pontes entre quem produz e quem consome, e é por meio da poesia que a comunidade LGBTQIA+ é capaz de materializar seus discursos, engajando histórias de vida nas redes de conexões virtuais. A materialização dessas vozes, agora, humaniza e ocupa espaços antes ocupados pela ridicularização, demonização e pejorativização desses indivíduos.

O estudo aqui proposto em torno das representações dos discursos da comunidade LGBTQIA+ nas poesias marginais veiculadas nas redes sociais, teve como objetivo inicial a compreensão, de como a comunidade utiliza desse meio como espaço de luta, resistência e denúncia dos estigmas, preconceitos, silenciamento e violência que leva a morte. Em suma, o que podemos concluir com essa pesquisa é que as poesias marginais, desde sua origem até os dias de hoje tem movimentado discussões que estão à fronteira da invisibilização, que surge principalmente de atores e lugares periféricos, e que tem ganhado novos espaços, da rua às redes sociais. Assim, reconhecemos que o uso das redes sociais, de fato, engaja de forma mais robusta com a difusão dos debates e eleva a representatividade ao passo que dá voz e identidade aos que a buscam para visibilizar a mobilização, participação e interações, bem como o acesso à informação.

Os manifestos poéticos, fontes de denúncias e resistência, explicitam memórias históricos-ideológicas, os espaços de entrecruzamento de vozes e de vida, como podemos perceber a partir dos exemplos analisados nesta pesquisa. Assim, as poesias somadas às redes sociais, tornam-se palcos pessoais e coletivos ao serem apropriados e ressignificados. Contudo, ainda conseguimos observamos pouco

consumo, engajamento, em alguns debates que precisariam de maior evidência, mesmo com a ruptura da forma de circulação tradicional das poesias. Assim, o consumo, por meio das redes sociais e, também, outras manifestações, desalinham-se da participação social, aqui estudada nas poesias marginais veiculadas nas redes sociais, quando apresentado o paradoxo, que, à medida que as redes potencializam o alcance, ao democratizar dando voz, também desestabilizam a mesma fonte democrática ao servirem como ferramentas de desinformação, preconceitos, manifestações de violência e comportamentos sociais que afetam a sociedade.

Os discursos e as contribuições da literatura nesse trabalho, por meio das poesias marginais veiculadas nas redes sociais, são assim, usados como novas formas de resistir e revidar ao estrato da marginalidade na qual a comunidade LGBTQIA+ é colocada, descortinando a inversão da dominância e da submissão, pois os sujeitos do discurso fazem do poema suas manifestações de resistência ao que é dominante, a heteronormatividade e o preconceito estrutural, causadores dos vários tipos de violência, poetas que, de modo independente, são mais livres ao usarem suas trajetórias e vidas ceifadas como fonte de inspiração, na perspectiva da autoafirmação, chamando atenção do sujeito do discurso à provocação da alteridade, na tentativa de colocá-lo não como simples espectador, mas no lugar do outro. Assim, as redes sociais ocupam o espaço da possibilidade das representações, funcionando como um lugar comum da poesia marginal e do ativismo LGBTQIA+, segmentos à margem que se fundem como manifestação de luta.

Como resultado disso, além do que já mencionamos, podemos destacar que analisar as redes sociais aliadas às representações da comunidade LGBTQIA+ veiculadas nas redes sociais, atualmente, como espaço de revido e resistência, possibilitou-nos também descortinar a dinâmica do favorecimento da construção das estratégias de nivelamento das facetas de poder. O *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *TikTok* e *YouTube*, então, desempenham importantes papéis para a organização de protestos e busca por justiça, sobretudo nas relações familiares, sociais e política, capacitando um posicionamento consciente e pertinentes, reclamando por direitos, os poetas adotam esses lugares para significar, produzindo poesia e (re)produzindo vida ao (r)existirem. Desse modo, ao passo em que a experiência do poema escrito nunca será a mesma do capturado em vídeo, a interação online torna-se essencial no processo de construção de significado dessas poesias.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, Letícia. **Dicionário LGBTQ+:** entenda os termos usados pelo movimento, 2020. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/dicionario-lgbtq-entenda-termos-movimento/>>. Acesso em: 24 de outubro de 2022.

ARCANGELI, Cris. **Redes sociais registram 4,61 bi de usuários – e vão continuar crescendo.** Revista Exame, 2022. Disponível em: <<https://exame.com/colunistas/empreender-liberta/redes-sociais-registram-462-bi-de-usuarios-e-vaio-continuar-crescendo/>>. Acesso em: 04 de março de 2023.

BAUMAN, Richard. Verbal art as performance. *American Anthropologist*, n. 77, p. 290-311. 1975.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

Brasil continua sendo o País que mais mata pessoas LGBT's no mundo. **Agência de Notícia da AIDS**, 2023. Disponível em: <<https://agenciaaids.com.br/noticia/brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-lgbts-no-mundo-revela-estudo-do-grupo-gay-da-bahia/>>. Acesso em: 06 de fevereiro de 2023.

BRASIL. Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. 1º edição; 1º reimpressão. Brasília, 2011.

CALVINO, Ítalo. Um rei à escuta. In: _____. *Sob o Sol-Jaguar*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CORNACHIONI, Jaqueline. **Relembre a história de Gisberta e conheça o movimento “Se A Rua Fosse Minha”.** Marie Claire, 2021. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Mulheres-do-Mundo/noticia/2021/07/relembre-historia-de-gisberta-e-conheca-o-movimento-se-rua-fosse-minha.html>>. Acesso em: 29 de fevereiro de 2023.

COSTA, Rosalina Pisco, 2014. *Ridendo Castigat Mores. A transcrição de entrevistas e a (re)construção.* In 40 anos de democracia(s): progressos, contradições e perspectivas. Atas do VIII Congresso Português de Sociologia, Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia. ISBN: 978-989-97981-2-0. Disponível em: <http://aps.pt/vii_congresso/area+actas&m+1>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

DOMINGOS, J.J. Discurso, poder e subjetivação: uma discussão foucaultiana. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009, p. 19- 34.

ESLAVA, Fernando Villarraga. **Literata marginal: o assalto ao poder da escrita.** Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília, 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: minidicionário da língua portuguesa.** Curitiba: Posigraf, 1993.

FERRÉZ. **Literatura marginal: talentos da escrita periférica.** São Paulo: Agir, 2005

Fielding, Nigel, & Thomas, Hilary (2001). Qualitative Interviewing. In N. Gilbert [Ed.], *Researching Social Life* (pp. 123-144). London: Sage Publications.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis.** 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2007.

LAVOR, Thays. “Meu filho vivia sendo humilhado”: caso Dandara expõe tragédia de viver e morrer travesti no Brasil. **BBB News Brasil**, Fortaleza, 10 de março de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39227148>. Acesso em: 07 de janeiro de 2023.

MACHADO, J. A. S. **Ativismo em rede e conexões identitárias: novas perspectivas para os movimentos sociais.** 2017. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/ciyz4>>. Acesso em 17 de novembro de 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MARTINELLI, Andréa; ANTUNES, Leda. **Quelly da Silva: O nome da travesti que foi assassinada e teve o coração arrancado.** Portal Geledés, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/quelly-da-silva-o-nome-da-travesti-que-foi-assassinada-e-teve-o-coracao-arrancado/>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

Menino tem fígado dilacerado pelo pai por ser afeminado. **O Tempo**, 2014. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/brasil/menino-tem-figado-dilacerado-pelo-pai-por-ser-afeminado-1.799612>>. Acesso em: 08 de fevereiro de 2023.

MEZZARROBA, Orides; MONTEIRO, Cláudia Servilha. **Manual da metodologia em direito.** São Paulo: Saraiva, 2004.

Morre Roberta, mulher trans que teve 40% do corpo queimado por adolescente no Recife. **Portal Folha de Pernambuco**. Recife, 07 de julho de 2021. Disponível em: <<https://www.folhape.com.br/noticias/morre-roberta-mulher-trans-que-teve-40-do-corpo-queimado-por/189809/>>. Acesso em: 01 de fevereiro de 2023.

OLIVEIRA, Rejane. **Literatura marginal**: questionamentos à teoria literária. Ipotesi, Juiz de Fora, v.15, n.2 - Especial, p. 31-39. 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**. 6 ed. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. 317p. Edição Original: 1975.

PROENÇA Filho, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1986.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de Freitas. **Metodologia do Trabalho Científico (recurso eletrônico)**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RICCI, Larissa. Caso Mariana Ferrer mostra como órgãos menosprezam vítimas de abuso: Violências contra a mulher não são cessadas com a abertura de um inquérito. Câmara aprova projeto que torna crime a violência institucional. **Correio Braziliense**, Brasília, p. 1, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/03/amp/4996937-caso-mariana-ferrer-mostra-como-orgaos-menosprezam-vitimas-de-abuso.html>. Acesso em: 05 fev. 2023.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Dialética da marginalidade**: Caracterização da cultura brasileira contemporânea. Caderno Mais! / Folha de São Paulo, 2004.

SANTOS, Gilvan. **Eco das vozes zumthorianas nas mídias contemporâneas**. Cronos: Revista de Pós-Graduação, Natal, v. 15, nº 1, p. 129 – 137, Jan./Jun., 2014.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p.19-54, 2007.

SOARES, Dith Jones B. Análise do Discurso na Canção Buarqueana. **O discurso poético e sua relação com outros discursos**. Disponível em <<http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-04.html>>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2023.

SOARES, Geandro. **Dois anos da morte do travesti “Paula Fernandes”**: Assassino está solta e AGLTPIN pede justiça para o caso. Parintins Press, 2019. Disponível em

<<https://www.parintinspress.com.br/2019/01/dois-anos-da-morte-de-paula-fernandes-assassino-esta-solto-e-agltpin-pede-justica-para-o-caso-do-travesti/>>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2023.

SPRADLEY, J. *The Ethnographic Interview*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

VIII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA. 2014, Lisboa. **Grupo de estudos teorias e metodologias [AT]**. Lisboa: Universidade de Évora, 2014.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A "Literatura" medieval**. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

_____. **Escritura e Nomadismo: Entrevistas e Ensaios**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

_____. **Introdução à poesia oral**. Traduzido por Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Performance, Recepção, Leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. 2^a. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.